CHUMBO GROSSO

DICK MIYAMURA

Pegarei o Matador!

SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 88

TÍTULO: PEGAREI O MATADOR!

AUTOR: DICK MIYAMURA

CAPA: JORDI

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1990

PREÇO DA PUBLICAÇÃO:

PÁGINAS: 128

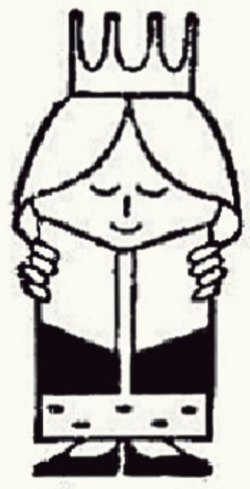
CHUMBO
GROSSO

PEGAREI
O
MATADOR!

DICK MIYAMURA

Capa de JORDI

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE



EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo, 81
Caixa Postal n 24119 – ZC-09
20550 – Tijuca – Rio de Janeiro
Fones: 248-7067 e 234-8398

© EDITORA MONTERREY LIMITADA

MCMLXC Publicação no Brasil
Composto e impresso por:
GRAFICA EDITORA LORD
Distribuído por:
FERNADO CHINGLIA
DISTRIBUIDORA S.A.

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

CAPÍTULO PRIMEIRO

O matador de prostitutas

San Francisco, Califórnia. Fevereiro de 1889.

A importante cidade do noroeste do maior estado norte-americano banhado pelo Pacífico, perdera de muito, suas características anteriores que a tinham classificado como o mais florescente porto do oeste dos Estados Unidos, e ao mesmo tempo o pior em turbulências, agitações e violência. O corpo de vigilantes já não existia mais e os representantes da lei controlavam e mantinham, com altos e baixos, a ordem na cidade. A Barbary Coast, região baixa e limítrofe do porto habitada pelo submundo internacional que controlava o crime, não vivia como antes alvoroçada pelos assassinatos e linchamentos sumários que os vigilantes haviam imposto como medida extrema para conter a onda de brutalidade advinda com a abertura décadas antes do comércio com nações de todo o mundo que faziam dali seu portal de entrada para o rico oeste americano. Ainda se passariam muitos anos antes que até um violento terremoto quase destruísse a cidade, e longe estava ainda o dia em que a ponte de Golden Gate atravessando a baía de San Francisco ligando-se com o condado de Marin e o norte do estado se tornaria uma gloriosa realidade.

No alto da encosta no fundo da Barbary Coast situava-se Nob Hill, a parte privilegiada, onde só existiam residências. Os políticos, rancheiros do interior, banqueiros, importadores e exportadores, enfim as classes consideradas como mais ricas habitavam suntuosas moradias no cimo do morro, separado da vasta e agitada cidade baixa onde se localizava o porto.

Todavia, na Barbary Coast coincidiam nem sempre em perfeita harmonia todo tipo de gente honesta, e os não rigorosamente cumpridores da lei. Era ali que se situavam os saloons, cassinos, prostíbulos e antros de prazeres e vícios lado a lado com lojas, bancos, depósitos de mercadorias e estábulos para as manadas de bois e cavalos exportados pelo mar para outros países.

Naquele sábado, numa noite quente e de céu estrelado, iluminado com uma lua clara no firmamento, apesar de ainda faltar muito para a chegada do verão, o Sea Princess, um movimentado saloon na Mission Street, bem próximo do cais principal do porto, regurgitava com sua freguesia habitual. Em cadeiras muito juntas umas das outras em torno das mesas, ou encostados no longo balcão, podia-se perceber uma colorida multidão formada pelos mais disparatados tipos. Homens vestidos como cowboys que pertenciam aos grupos que chegavam amiúde comboiando rebanhos., um sem número de tipos trajados à moda citadina ou uma quantidade incalculável de marinheiros que pertenciam às tripulações dos navios ancorados no porto, misturavam-se pelas mesas falando baixo ou em voz alta, gritando, gargalhando ou discutindo, ou simplesmente mudos e aparentemente concentrados nas beberagens que ingeriam. Podiam-se distinguir loiros e altos russos ou alemães, fortes e morenos mexicanos ou espanhóis, e ainda baixos e magros chineses, além dos vaqueiros alegres e regurgitastes pela oportunidade de desfrutarem daquele cenário cosmopolita e inusitado para a maioria, habituada aos saloons de seus estados ou territórios longe do mar.

Numa das mesas, quase nos fundos e ao lado do pequeno palco onde um grupo de bailarinas tentava acompanhar os acordos do piano um tanto desconjuntado que um gordo manejava, estavam quatro cowboys e três mulheres. Com exceção de um deles, alto e magro e mais idoso, evidentemente o capataz ou chefe do grupo de vaqueiros, os demais pareciam muito interessados nas respectivas companheiras.

Um dos cowboys, de estatura média, forte e simpático, moreno e de cabelos negros e lisos por baixo do chapéu stetson, que não podia ter mais de vinte e três anos de idade, abraçava e beijava a garota do saloon que estava sentada em seus joelhos.

De vez em quando ele enfiava a mão pelo decote amplo do vestido e parecia apertar um dos opulentos seios da moça, que ria e exclamava:

— Calma, rapaz! Depois... depois...

— Depois, mas onde e quando? — inquiria o cowboy ansioso e evidentemente excitado, beijando-a no pescoço e arrancando dela novos apelos para que contivesse seu arroubo e aguardasse.

— Vá com jeito, Danny! — murmurou de repente o mais velho. — Você terá o restante da noite para se divertir com ela... A garota já não lhe

garantiu que sairá daqui para o seu quarto quando o movimento decrescer? E que você poderá ir com ela?

A moça ouvindo-o, embora já um tanto embriagada, voltou-se com uma expressão divertida no rosto franzindo a testa, e apontando-lhe um dedo disse:

— Calma você também, vovô!... Eu disse que dormirei com... como... é mesmo que você se chama, queridinho?...

— Danny... Danny Crawford — redarguiu o rapaz.

— Pois é... meu amorzinho. Eu dormirei com você... porque me prometeu alguns desses dólares novinhos... que tem guardados no cinto. Não costumo receber qualquer um... no meu quarto! Mas como gostei de você... meu vaqueirozinho fogoso... e porque seus dólares me atraíram... e estou necessitada de uma grana... tudo bem! — Porém... não sairemos juntos. Eu irei na frente... para não... perceberem, entendeu? Nós somos... proibidas de fazer amor com fregueses nas noites de sábados. Dez minutos... depois... saía... procura o número duzentos da Market Street... é logo ali adiante... virando a primeira esquina. Suba a escada... do sobrado... eu estarei lá no corredor... esperando-o.

— OK!... Eu a encontrarei... — murmurou o chamado Danny, que piscou um olho para o mais velho deles.

— Tome cuidado, rapaz — disse o cowboy idoso.

Jesse Miller conhecia sobejamente San Francisco.

Aquela não fora a primeira vez que tinha chefiado um comboio de gado desde o rancho Los Fulumitos, a leste de Sacramento, e trazido-o para embarque no porto. Mas para Danny Crawford era. O rapaz, vaqueiro recém-contratado nos Palomilos. muito simpático e que desde logo conquistara as boas graças do senhor Esteban Mendoza, proprietário do rancho, e principalmente do velho capataz, à par com muitas qualidades, não escondia um gênio arrebatado e deveras impulsivo. lesse Miller conhecia bem as artimanhas das prostitutas da Barbary Coart. Já percebera que aquela garota, que dissera chamar-se Sally, viera do leste como tantas outras ali, e que estava de olho somente no dinheiro de Danny. Se não quisera sair junta com ele provavelmente era porque tinha um amigo ali no saloon, rufião com toda certeza e não queria dividir com ele os dólares que almejava tirar do rapaz. Mas para si mesmo o velho capataz já decidira.

Tinha ouvido o endereço dado por ela e meia hora depois iria até lá com o pretexto de perguntar se tudo estava bem.

Os outros dois cowboys, embora também efusivos em seus abraços e beijos com as respectivas garotas, uma canadense e uma mexicana, não haviam formulado quaisquer propostas às respectivas mulheres. Mais precavidos e econômicos, ou talvez já conhecedores das artimanhas das garotas dos saloons. especialmente da Barbary Coast.

Meia hora depois, e após ingerirem mais três canecos de cerveja, Sally levantou-se e abaixando a cabeça de cabelos curtos e muito loiros murmurou para Danny:

— Já me vou, amorzinho... Conte até dez minutos... depois saia e procure o número duzentos da Market... já lhe ensinei como achá-lo... Suba a escada...

Beijou o rapaz rapidamente na boca e saiu dali saracoteando e rebolando os quadris no meio das outras mesas, acenando as mãos repetidamente para outras mulheres e homens e escapando dos beliscões que tentavam dar-lhe nas nádegas.

— Cuidado, Danny... — recomendou Jesse gravemente.

— Irra, papai! — redarguiu o jovem rindo. — Não sou mais criança! Até parece uma galinha cuidando dos seus pintinhos!... Lembre-se... de que eu já estive em Santa Fé... em Los Angeles... antes.

— Sei disso — volveu o cowboy mais idoso. — Mas sei também que nenhum desses lugares chega aos pés da Barbary Coast, meu rapaz!

Mentalmente o arroubado moço contou o tempo e quando verificou que já deveriam ter-se passado dez minutos, acenou-lhe sorrindo e foi-se embora jogando sobre a mesinha uma cédula de cinco dólares para ajudar no pagamento da despesa.

Jesse, os dois vaqueiros e as moças ficaram vendo-o cruzar o saloon através das mesas, até que desapareceu pela porta da rua.

Já era meia-noite passada e o movimento na Misión Street ainda continuava intenso com cabriolés e cavaleiros passando rápidos, ou detendo-se apenas para apanhar passageiros. Ouviam-se, somados aos ruídos de vozes, gritos e gargalhadas, patas de animais e de imprecisos instrumentos musicais, os apitos de barcos ancorados na baía ou os toques de sinos de bordo.

Danny olhou em ambas as direções da rua antes de prosseguir.

As palavras de cautela de Jesse Miller não podiam deixar de manter-se vivas em sua lembrança.

Examinou os bandos de marujos embriagados postados diante dos bares e botecos, alguns cowboys cambaleantes que passavam na outra calçada, e não pôde deixar de sentir-se reconfortado quando divisou um trio de comissários da lei à cavalo, com seus reluzentes distintivos metálicos pregados no peito e rifles às mãos.

Afastando-se prudentemente de alguns transeuntes seguiu a rua na direção da Market, chegando ao número duzentos, um sobrado silencioso e escuro logo ao virar a esquina.

Não havia nenhuma indicação na porta a não ser a plaqueta com o número, mas uma comprida escada de degraus de madeira começava justamente ao sopé da entrada. Segurando-se no encardido e empoeirado corrimão começou a subir indagando de vez em quando em voz baixa:

— Sally?... Sally?... Onde... está você?

Se ela se achasse no fim da escada e no corredor como lhe prometera, não poderia deixar de escutá-lo. Mas somente o eco da sua voz parecia responder-lhe.

lá começando a sentir-se ludibriado, enganado e com um princípio de mau humor, subiu os restantes degraus daquela escada que parecia não ter mais fim, depressa.

— Sally? — inquiriu num tom mais alto.

Seus olhos vararam a escuridão do longo corredor sem uma só lamparina.

Então pôde lobrigar alguma coisa caída no chão e no meio do corredor, diante de uma porta semi-aberta.

— Sally? — inquiriu aproximando-se.

Reconhecera o mesmo vestido de seda e os cabelos da garota à luz do luar que vinha de dentro do aposento silencioso e escuro. Mas seu olhar subitamente refletiu todo o terror que a figura encolhida no chão lhe inspirara ao abaixar-se. Sentiu uma lagoa de sangue formado ao redor do corpo e suas botas chapinharam no líquido.

Mas o que viu fê-lo arregalar os olhos! Sally se achava com as vestes erguidas e rasgadas, os seios para fora e a saia levantada mostrando as nádegas..., mas tudo sangrento, triturado e informe. como se uma lâmina

houvesse se erguido e abaixado sobre a garota centenas de vezes e em cada uma delas entrado e saído vertiginosamente! E evidentemente estava morta!

Pálido trêmulo, balbuciando palavras ininteligíveis. começou a erguer-se e então o mundo pareceu desabar sobre sua cabeça!

Alguém ou alguma coisa contundente abateu-se sobre o crânio de Danny Crawford quase rompendo-lhe a copa do chapéu! O rapaz não pode ver quem devia estar escondido atrás da porta do quarto, ou o que fora utilizado para pô-lo desacordado, mas o mundo apagou-se no mesmo instante e ele mergulhou na inconsciência.

O humilde, porém, impulsivo cowboy do rancho Los Palomitos. que se situava poucas dezenas de milhar à leste de Sacramento, a capital da Califórnia, não poderia saber, nem muita gente mais inclusive os representantes da lei em San Francisco, mas acabava de tornar-se peça importante, e que no futuro poderia ser chamado pelo xerife da grande cidade portuária para prestar novas declarações num horrendo crime misterioso que daria início à uma série de outros, sempre tendo por vítimas pobres e indefesas mulheres da vida fácil, se assim quisermos classificar as jovens ou idosas prostitutas de Frisco (*).

(*) FRISCO – Era assim que a maior parte dos californianos se chamavam.

Assassinatos esses que indicavam claramente achar-se naquela cidade um criminoso que matava as inocentes moças com requintes de crueldade sádica e desumana, mas com a marca indelével de quem sabia manejar uma arma cortante que lacerava as vítimas com perícia semelhante à dos médicos, lancetando-lhes os seios e o ventre com golpes precisos e rápidos que tiravam-lhes as vidas sem dar-lhes a menor oportunidade de virem a salvar-se mesmo se socorridas instantaneamente. Crimes que fizeram as autoridades e a imprensa de Frisco relembrar imediatamente a figura de Jack, o Estripador, o matador de prostitutas que depois tão misteriosamente como surgira, desapareceu sem deixar o menor rastro...

CAPÍTULO SEGUNDO

Um xerife à moda antiga

Dick Carter lançou-se num pulo repentino e surpreendente de cima da sela sobre o fora-da-lei quando percebeu num vislumbre de olhar que o acusado movia imperceptivelmente a mão direita para baixo na direção do cabo de marfim do revólver ostensivamente pendurado num coldre.

O salto do jovem xerife apanhou de surpresa o celerado que não esperava aquele gesto tão súbito de parte do rapaz que representava a lei na Barbary Coast, em San Francisco.

— Bas... tardo! — murmurou raivosamente o bandido que caíra no terreno poeirento daquele trecho da Missión Street com o Dick Carter por cima, já segurando-lhe o pulso, que torcia e impedia de segurar a arma.

A resposta do jovem xerife foi um soco com a esquerda que arrancou um pequeno grito de dor do meliante, que cuspiu sangue e alguns dentes partidos.

Todavia, nem o murro nem a situação de impotência a que fora submetido calara o ímpeto irado de Fred Ayres, o fora-da-lei, que mesmo gemendo e dolorido, ainda teve ensejo de virar o rosto para um dos lados e tornar a murmurar:

— Bas... tardo! Mal... dito!

Era até um tanto cômico aquela situação à luz do dia numa artéria movimentada em plena zona portuária! Dick Carter, que muitos já conheciam de vista ou de nome e que ali tinha a insígnia metálica presa no peito da camisa, com suas vestes de cowboy até então imaculadamente limpas e agora sujas pela poeira, não parecia à primeira vista um adversário difícil para Fred Ayres. O representante da lei era baixo, não muito possante fisicamente e por cima, aparentemente é claro, bastante jovem. Enquanto seu oponente, subjugado e já vítima do segundo murro na boca, era alto, forte e também aparentemente, é claro, um osso duro de roer... Mas que naquele momento parecia um monte imprestável de trapos, gemendo, choramingando e sempre com acessos que o faziam-no empalidecer ainda

mais ao mesmo tempo que uma inesgotável fonte de sangue rubro e viscoso fluía, e pedacinhos brancos de ossos às vezes incrustrados com ouro.

Esboçando, para alívio do malfeitor, um gesto de quem ia se levantar e sair de cima do fora-da-lei estatelado no chão poeirento, o xerife, sem modificar a expressão de zanga no rosto, pegou o sujeito pela gola do elegante casaco de casemira, puxando-o alguns centímetros do solo e indagando:

— Quem é bastardo e maldito, seu pulha fedorento? Vamos, diga!

Revolvendo dentro das órbitas os olhos arregalados e cheios de medo, Fred Ayres murmurou:

— Não... não é... você...

— Trate-me por senhor xerife, sacripanta! — rugiu o xerife fingindo, mas sem dar a perceber nada de farsa às pessoas que o cercavam à pé, à cavalo ou de cima dos tílburis.

— Sim... senhor xerife... Não! Não é... o senhor não!... — Disse Fred Ayres quase sussurrante, com bategas de suor escorrendo-lhe pela testa e pelo rosto bem barbeado.

— Chega, Dick! Já surrou bastante o pobre coitado! Se quer prendê-lo, basta xerife! Mande um de seus ajudantes levantá-lo e levá-lo para o xadrez! — disse subitamente uma voz clara, melodiosa e até mesmo empastada, de dentro do coche que acabara de aparecer perto.

Dick Carter levantou-se, apanhou o chapéu de abas largas que tinha deixado cair ao pular de cima da sela sobre o bandido, limpando-o com rápidos abanos na calça. Depois fitou sem sorrir quem lhe dirigira aquelas palavras. Embora com meio corpo apenas para fora da portinhola do coche, podia-se perceber que o recém-chegado era um tipo moço. talvez mais ou menos com trinta anos de idade, muito bem vestido, com um pequeno chapéu-coco no alto da basta cabeleira loira bem penteada para trás. Um pequeno sorriso que poderia parecer zombeteiro e irónico, perdurava no rosto que poderia ser considerado pelo sexo oposto de bonito e bem feito. Mas ele deixava entrever bem pregado no casaco e à altura do coração um distintivo semelhante ao daquele jovem representante da lei que acabara de socar e quase nocautear um bandido no meio da rua. Acontece que o moço elegante e bonito, também era um xerife. Um dos dois de San Francisco naquela altura e responsável pelo setor do Nob Hill, a parte bonita, rica e limpa de Frisco! Ambos possuíam, no entanto, um chefe comum, o

comissário Gordon Welles, que quase nunca aparecia nas ruas e muito menos da Barbary Coast e que também morava na parte alta da cidade.

Dick Carter antes de responder ao colega, fez um gesto para dois sujeitos à cavalo que perto dali pareciam observar a cena sem qualquer tentativa de interferência. Eram ajudantes do xerife de Barbary Coast e se chamavam respectivamente Slim e Slunt, ou pelo menos assim é que eram tratados por todos. Só tinham outra coisa em comum e muito visível a quem os olhasse: eram muito parecidos um com o outro, ambos morenos, magros e altos, de nariz adunco, olhos pequenos e apertados e quase não falavam. Eram gêmeos e filhos de uma chinesa com norte-americano..., mas entendiam, compreendiam, respeitavam e morreriam por Dick Carter!

Também traziam ao peito a insígnia de ajudantes do xerife. Nunca se esqueciam de levar nos cintos os Colts trinta-e-oito, como seu chefe aliás, jamais deixavam de carregar enfiado na sela os rifles Springfield que eram de sua propriedade particular e não oferecidos pelo comissariado de polícia, como se chamava agora o antigo escritório de xerife de San Francisco.

Eles levantaram Fred Ayres pelos braços depois de algemá-lo, e por sua vez fizeram um gesto para outro personagem que parecia fazer parte da equipe de Dick Carter. Este era um condutor de carruagem fechada, apenas com buraquinhos de ventilação dos lados, puxada por uma parelha de mulas. Em cada lado do veículo estava escrito bem visível: Comissariado de Polícia de San Francisco. O curioso sujeito que dirigia aquela carruagem temida e odiada pela maior parte dos malfeitores da Barbary Coast, sem descer da boléia, mas passando por cima da carroceria abriu do alto a porta de trás, onde os gêmeos Slim e Slunt quase jogaram um trôpego e já inofensivo prisioneiro.

— Vai ficar aí dentro em boa companhia — disse rindo o cocheiro e responsável pelo carro de transportar prisioneiros, acrescentando como se dirigisse em particular à multidão que se formara em torno. — Há uma porção de ratos aí dentro... Marinheiros embriagados ou brigões, alguns ladrões, vários vaqueiros briguentos e muitos vagabundas... Pelo menos elas que fizeram questão de embarcar... estão morrendo de medo de serem apanhadas pelo estripador!

Estripador.

Pelo menos foi com referência a esse matador de prostitutas que surgira em Frisco nas últimas semanas de fevereiro daquele ano, que Dick

Cárter falou com seu colega:

— Olá, Norton Grant. Está procurando por aqui o matador de mulheres? Porque não procura por ele no meio da gente ricaça e bem alimentada de Nob Hill? Tenho a impressão de que o sujeito vem da sua zona, Norton, matar aqui na Barbary Coast e depois volta para o aconchego e segurança da colina...

O outro apenas sorriu às palavras de Dick Carter, mas depois falou:

— Não. Dick. não vim xeretar no seu bairro nem mexericar. Apenas trouxe um recado do senhor Gordon Welles...

— O que foi? Outra garota morta? — quis saber Dick. — Não bastam a chinesa do Xangai Inn ontem à noite e a polaca do Russian Castle nesta madrugada? Que com aquela Sally, da Market Street, e Rudy Valentino, a espanhola do Mexican Mill já somam quatro vítimas!...

— Não. amigo, não é nada relacionado com mais assassinatos, além dos que já conhece. Trata-se de uma visita que chegou para... você. Parece que o sujeitinho, um inglês da Scotland Yard de Londres, decidiu aparecer por aqui logo que se anunciou o primeiro crime, para investigar se o seu famoso Jack. o Estripador não resolveu dar as caras por cá... Você vai se avistar já com ele, amigo?

Dick Carter não gostava de Norton Grant.

Achava-o petulante demais para o seu gosto.

E sabia que o sujeito aspirava suceder a Gordon Welles no comissariado de San Francisco. Era bem possível que o conseguisse. O velho estava para se aposentar, e benquisto, estimado pelos moradores importantes de Nob Hill, que davam as cartas na política e na administrarão local, nada deixava a duvidar que Norton Grani conseguisse o cargo. Dick então pediria demissão antes que começasse a sofrer perseguições do outro. O rapaz sabia que isso aconteceria e já tinha decidido se antecipar. No momento em que Norton Grant fosse nomeado, teria sua designação na mesa do comissário... O xerife cowboy já havia recebido um convite do governador de Nevada, vizinho da Califórnia, para ser o representante da lei cm Carter City, e o aceitaria porque aquela cidade apesar de se estar chegando ao fim do século dezenove, ainda conservava todas as características do velho oeste.

Por isso fitou Norton Grant com desprezo e murmurou:

— Claro que vou, colega... Agora pode dar o fora desimpedindo a rua com sua bonita carruagem e retornar ao morro elegante onde certamente se sentirá mais à vontade... Por enquanto aqui é minha região, amigo! Não lhe agradeço pelo recado porque você ao vir trazê-lo, apenas fez um favor a Gordon Welles, não para mim.

O outro xerife desta vez empalideceu e tremeu ligeiramente. Somente por um rápido instante, mas o suficiente para Dick Carter perceber e sentir-se recompensado por ter proferido aquelas palavras. Sem dizer mais nada, Norton Grant entrou no coche e deve ter ordenado ao condutor que desse partida imediatamente, pois a carruagem saiu quase que em seguida cm disparada.

Dick Carter ficou olhando-o até que o veículo sumisse no fim da rua desaparecendo no rumo de uma das passagens que levavam ao morro. Depois sorriu e fez dois acenos, um para Slim e Slunt que saíram em seguida, outro para o condutor do carro-prisão, que também gritou bem alto um palavrão ininteligível ao mesmo tempo que brandia o chicote no ar dando partida à viatura. Depois de dar uma olhada firme para os circunstantes, que começaram a perambular e sair dali, montou e saiu do local indo para a direção da Liberty Street, uma rua curta e larga que fazia esquina com a Missión. Enquanto isso, seus pensamentos voltavam-se para os crimes do estripador, que estavam abalando a Barbary Coast e seus nervos. Da noite anterior para aquele dia já se tinham encontrado mais duas prostitutas mortas. Primeiro fora aquele cowboy de Sacramento, que tinha sido posto sem sentidos com um ferimento feio no alto da cabeça quando descobrira o corpo trucidado e já sem vida de Sally. O rapaz fora descoberto por um de seus companheiros chamado Jesse Miller, que tinha ido em sua procura ao perceber que Danny Crawford não mais retornara ao Sea Princess desde que saíra para se encontrar com a garota. E Danny-havia prometido ao capataz do Palomitos que voltaria para informar se passaria a noite com a meretriz. Como se passassem as horas e ele não desse notícias, Jesse Miller saíra e deparara com o outro desacordado ao lado do corpo retalhado da prostituta. Dick Carter havia sido imediatamente chamado, constatando a inocência de Danny e livrando-o de qualquer culpa no bárbaro assassínio, depois que o rapaz voltara a si e ajudado pelo capataz dera todas as explicações. No dia seguinte, ele e os outros companheiros regressariam a Sacramento, mas foi avisado de que em caso de necessidade

teria que retornar a Frisco para novas declarações, conquanto nada pudesse acrescentar ao que já dissera. Nada vira, apenas sentira o golpe e depois se apagara.

No dia seguinte, à noite, o rapaz recebeu outro chamado, desta vez para ir até um quarto nos altos do sobrado da San Matteo Street, onde ficava o Mexican Mill, um saloon frequentado por mexicanos ou por aqueles que gostavam da comida típica do sul, e que apreciavam a calentura das mulheres latinas... Rudy Valentino, que por sinal era espanhola e não mexicana, fora encontrada morta nas mesmas condições de Sally... Dick ficou atônito com aqueles dois crimes completamente fora dos costumes geralmente praticados pelos bandidos da Barbary Coast, e sem a menor pista. Durante dias e noites seguidos, ele, sempre acompanhado dos fiéis e silenciosos gêmeos Slim e Slunt, haviam efetuado visitas de surpresa aos mais notórios antros de vícios da Barbary Coast, detendo possíveis suspeitos e interrogando outros, em especial, passageiros recentes vindos pelos navios ou pelas diligências, mas todos conseguiram dar versões comprovadas aos seus movimentos na zona portuária, com álibis e testemunhas que não deixaram nada encoberto. Não pôde Dick Carter encontrar um suspeito que não pudesse justificar seus atos, por menores que fossem. Então na véspera fora chamado, cedo ainda por Wang-Sun-Young, proprietário do Xangai Inn, outro saloon para asiáticos que existia ali. Nervoso apesar de tentar se mostrar tranquilo, o gordo chinês explicou que havia uma coisa incomum para o xerife num dos compartimentos do anexo do seu estabelecimento... Essa coisa incomum era nada mais nada menos do que o corpo semi-desnudo e todo crivado de golpes de uma linda oriental que em vida se chamara Ngo-Nuyen-Chuug e fora uma das mais disputadas prostitutas da casa. Também nenhum asiático, frequentador ou funcionário do Xangai Inn pôde prestar qualquer ajuda ao xerife. Ou porque os orientais fossem por si só calados, reticentes e furtivos em suas declarações notadamente à lei, ninguém vira ou ouvira nada de suspeito. Dick Carter passara a noite quase que às claras cuidando daquele terceiro assassinato e pela madrugada, quando cogitava de descansar alguns instantes, chegara-lhe a notícia de outro encontro de vítima. Desta vez acontecera no Russian Castle. outro saloon que também servia bebidas e comidas tipicamente russas ou eslavas aos seus frequentadores, em sua maior parte marujos ou viajantes nórdicos de passagem por Frisco. A vítima do sádico matador era

também uma prostituta. polonesa que se chamava Ilse Watuska. hora encontrada por outra mulher do Russian Caslle, a qual como todos os outros, jurava por São Nicolau que não tinham avistado nem ouvido nada suspeito...

Aturdido, preocupado, mas jurando para si mesmo que botaria as mãos naquele assassino, Dick Carter já na manhã seguinte tinha sido avisado por um informante que Fred Ayres, um conhecido fora-da-lei que tinha se ausentado de San Francisco, havia sido avistado num boteco do trecho final da Misión Street na companhia de uma garota... O xerife foi para lá avisando aos gêmeos que o seguissem e dessem um aviso para o carroção de presos permanecer nas cercanias. Pegara o meliante completamente de surpresa, e que ao vê-lo adentrando a porta do bar saltou de repente abandonado a mesa e sua companheira. Mas o representante da lei conseguira sair para fora do boteco, montar em seu cavalo e ainda pegar Fred Ayres antes que o tratante escapulisse.

Agora, cavalgando sem nenhuma pressa, sentindo internamente um grande cansaço e o desejo de repousar nem que fosse por alguns momentos apenas, enojado de Gordon Welles, de Norton Grant, de todos os barões como costumava designar os moradores de Nob Hill que viviam interferindo nas coisas e nas pessoas de Barbary Coast, do matador sádico e desconhecido, do tal de Jack, o estripador, e de quem quer que fosse o inglês da Scotland Yard que estava à sua espera no xerifado, e o rapaz fazia questão de assim designar o seu escritório e cadeia na Liberty Street, ele chegou até diante do prédio baixo e comprido onde já pareciam aguardá-lo.

Enquanto desmontava e seguia para a porta de entrada, viu um homenzinho baixo e atarracado metido num tweed axadrezado, boné enterrado na cabeça, calçando um par de botinas envernizadas e com um cachimbo preso na boca...

— Ah, o maldito inglês que veio me ajudar... — pensou o rapaz enquanto se dirigia ao encontro do visitante.

CAPÍTULO TERCEIRO

Jack, o Estripador

Londres, Inglaterra. 31 de agosto de 1888.

Onze e dez da noite.

O fog da capital britânica já cobria toda a cidade, e ali no bairro do Soho a escuridão mergulhada no nevoeiro, apenas deixava visível um rosto que se encostasse à outro e nada mais. Nas ruas negras e sem iluminação, certamente causaria um arrepio na espinha de quem andasse por elas. O Soho era o bairro da boêmia, da vida dissoluta e dos prazeres proibidos noutros locais, mas que ali eram desregradamente praticados dentro das quatro paredes daqueles casarões sombrios. Na Queen's Road, somente se distinguiam alguns vultos rápidos e imprecisos quando passavam sob a luz de algum lampião pendurado tias paredes, mas sem deixarem perceber se eram homens ou mulheres. Somente três quadras mais adiante um bico de gás no meio da pequena praça estava à vista, mas as pessoas que passavam por lá confundiam-se nas brumas daquela escuridão nevoenta e não podiam ser identificadas. Somente, de repente, um policial pareceu reconhecível devido ao seu grande tamanho e ao apito que levou à boca e assoprou com força três vezes seguidas. O sinal que muitos conheciam de que alguma coisa ruim tinha acontecido.

Então e de repente a Queen's Road pareceu tomar vida.

Os vultos se tornaram mais visíveis uns aos outros e já não seria necessário identificar quem era quem dentro daquele fog até então silencioso e opressor. Em torno do guarda que apitara três vezes, foi-se formando um grupo de homens e mulheres, bêbados ou semi-embriagados, ou então ansiosos por saírem dali o mais depressa possível. Elas, vestidas com roupas que poderiam ser consideradas audaciosas e inconvenientes para aquele tempo. Mas não para o local ou hora. Jovens ou já de meia-idade, com pouco que as diferenciasse fisicamente, exerciam ali no Soho a mais antiga das profissões femininas.

Eram prostitutas.

Muitas delas moravam ali mesmo ou por perto, em quartos e porões fétidos, acanhados e sujos.

Outras, a minoria, em aposentos mais espaçosos e confortáveis também no Soho ou em suas imediações. E havia ainda as que residiam longe e vinham até aquele bairro, somente à noite para mercadejar o corpo e depois retornar para suas casas num bairro distante.

Uma delas, que pertencia à classe das que exerciam o meretrício noturno do Soho, mas não habitavam ali, não voltaria mais para casa. Estava morta e aquele policial rotundo vigiava seu corpo. Um cartão amarelado pelo tempo e quase rasgado ao meio podia ser visto quase saindo da bolsa velha e fora de moda perto do cadáver. Chamava-se Helen Worth Parroll, tinha vinte e nove anos de idade, era viúva. A polícia, outros detetives uniformizados e à paisana chamados pelo referido guarda que encontrara o cadáver, e que averiguaram depois que Helen Worth Parroll havia perdido o marido dois anos antes, ficando completamente sem recursos e com duas filhinhas para sustentar. Ao que parecia, a prostituição fora a única saída que ela encontrara para ganhar cinquenta shillings ou uma libra por noite. Também, os mesmos detetives descobriram que Helen nunca permanecia fora de casa após a meia-noite. Portanto, tinha sido morta nalgum beco da Queen's Road quando apressava os passos para ir-se embora para o lar, provavelmente dirigindo-se até a estação Victória para apanhar algum trem suburbano.

Porém foi o estado dela que chamou a atenção dos policiais, dos bêbados e das outras prostitutas que haviam se acercado para ver o motivo dos três apitos do guarda.

Helen Worth Parrell praticamente havia sido cortada ao meio por algum objeto perfurante e lacerante. A parte frontal de seu vestido estava levantado até o pescoço e enrolado debaixo do queixo. Mas os seios da pobre mulher praticamente haviam sido extraídos com golpes rápidos e precisos, e sua barriga ficara toda perfurada e riscada de alto abaixo e dos lados... O sangue emanado dos ferimentos projetava-se para fora do corpo formando uma poça circundante do cadáver.

Um repórter notivago do Londort Mirror que por ali passava quase que por puro acaso, viu a descoberta do corpo e pôde esboçar num desenho feito ali mesmo à luz do bico de gás o tétrico achado. No outro dia o referido jornal estampou com destaque o crime e acrescentou que fora obra de um

perito esquartejador, que o mesmo matara a infeliz prostituta certeiramente com precisos e fulminantes golpes. Nenhum grito fora ouvido e ninguém pôde dar sequer a menor descrição de qualquer suspeito... A Scotland Yard entrou no caso quando uma semana depois no mesmo bairro outro corpo de mulher foi encontrado pelo vigia noturno de uma fábrica de velas de cera que funcionava no Soho. Também a segunda vítima tinha sido atacada e esquartejada exatamente da mesma forma que a primeira. Foi aí que o Time e outros jornais entraram no caso com seus repórteres vasculhando a área de dia e de noite. Apesar do fog prosseguir impenetrável, em grupos de quatro, cinco ou seis repórteres, desenhistas e guarda-costas andavam de um lado para outro do bairro, mas nada de apanharem um suspeito em titude estranha. A polícia nesse entretempo já prendera e soltara dezenas de pessoas, vagabundos e bêbados, boêmios e frequentadores do Soho. Mas todos facilmente comprovavam sua isenção de culpa e tinham de ser liberados. Então, exatamente sete dias depois, quando o nevoeiro e a escuridão pareciam marcar naquele ano Londres com maior intensidade, um terceiro crime foi perpetrado pelo assassino que já ganhara o apelido de Jack, o Estripador. Uma prostituta, mais nova que as duas primeiras e muito popular no Soho, chamada Betty Dollface Symes, ou cara de boneca como era popularmente conhecida, foi encontrada a menos de duzentos metros de onde se achara a primeira. O alvoroço noturno pela descoberta dos macabros despojos da mocinha barbaramente assassinada mobilizou quase que todos os detetives da Scotland Yard, e repórteres de outros jornais de fora chegaram a Londres para acompanhar aquela série de horrorosos crimes.

Então ocorreu um espaço de um mês e meio entre o terceiro crime e o quarto.

Em meados de outubro um estudante de belas artes que morava na Sovereign Street, também no Soho mas não próximo da Queen’s Road, ao voltar para seu quarto numa madrugada fria e nebulosa encontrou o corpo de uma mulher de quase meia-idade caído em sua porta.

Nem chegou a examinar detidamente o corpo.

Uni simples olhar e a comprovação de que as roupa da infeliz mundana estavam todas rasgadas com os golpes da arma pontiaguda e cortante, com muito sangue esvaindo e a visão dos cortes feitos no peito e no ventre da

inditada prostituta, não deixavam mais dúvidas quanto à maneira como fora morta e por quem.

O quarto e penúltimo atentado de jack o Estripador voltou a acelerar a opinião pública londrina, o resto do país. toda a Europa. Até mesmo a imprensa canadense e norte-americana estampou com destaque o sucedido, seguindo-se comentários de policiais de outros países, criminalistas, cientistas e repórteres. Celebridades internacionais das artes, das letras e do mundo médico deram as mais variadas e desencontradas opiniões.

Seguiu-se novamente um intervalo de silêncio e quando todos pareciam concentrar-se nos estudos das quatro primeiras vítimas, uma quinta, a última, apareceu no mesmo bairro. Exatamente vitimada como as anteriores.

Era o nove de novembro daquele 1888.

Seguiu-se então outro silêncio, desta vez permanente.

Até à época em que decorreram os quatro assassinatos em San Francisco, na Califórnia, e relatados nos capítulos anteriores e iniciais da presente narrativa, nunca mais voltou a descobrir-se qualquer outro corpo de prostituta assassinada por Jack, o Estripador, em Londres.

A Scotland Yard e alguns estudiosos anunciaram que provavelmente o criminoso havia logrado escapar da Inglaterra viajando para fora do país. Foram investigados quase todos os passageiros que tinham embarcado de Southampton, de Londres e de outros portos britânicos e irlandeses para fora. Notadamente aqueles barcos que faziam as rotas para a América e Austrália mereceram especial destaque por parte desses investigadores, mas nada se descobriu...

* * *

Mais recentemente, já em nossos dias, uma emissora de rádio independente chamada Thumes Brodcasting Station, anunciou em Londres, que descobrira um dos maiores mistérios policiais dos últimos cem anos. A identidade de Jack, o Estripador.

Segundo essa fonte, o sádico matador de prostitutas tinha sido nada mais nada menos do que o médico particular da rainha Victoria, o doutor Sir William Gull.

* * *

O mito de Jack, o Estripador, começou, como já afirmamos antes, em 1888.

Entre 31 de agosto e 9 de novembro desse ano, cinco prostitutas de idades variadas entre dezoito e quarenta anos, foram assassinadas e brutalmente desmembradas em Whitechapel, um bairro pobre que pertencia à jurisdição do atual Soho. Se era já uma região de imigrantes pobres, prostitutas e criminosos da capital britânica, tornou-se pior com o decorrer dos anos e com o acréscimo de todo tipo de homens e mulheres que engrossam cada dia mais as fileiras do submundo.

Porém cumpre destacar agora um homem, o inspetor Abberline, da Scotland Yard, que dirigiu as investigações na ocasião em que os crimes foram perpetrados. Foi uma idéia sua aprovada pelos chefões da Yard em começo de 1889 o envio de emissários da polícia londrina para a Austrália, para o Canadá e Estados Unidos com o fim de efetuarem discretamente e em associação com as autoridades desses países, investigações acerca de pessoas recentemente chegadas ali e que demonstrassem atitudes suspeitas ou despertassem um mínimo de atenção.

Certamente o detetive inglês que chegou a San Francisco, em fevereiro de 1889, era um desses agentes de Abberline.

* * *

Agora, muito tempo depois, conforme falamos mais atrás acerca da revelação do Thames sobre a descoberta da identidade de Jack, o Estripador, outros detalhes chegaram ao conhecimento público também e por outra via, a produtora de filmes Euston, que produziu um filme de quatro horas de duração em dois capítulos, protagonizado pelo ator Michael Caine que interpreta o inspetor Abberline, e que custou dez milhões de dólares à referida empresa cinematográfica.

Coincidindo com o informe do Thames, a identidade de Jack, o Estripador nesse filme é revelada como sendo a do médico da família real, Sir William Gull, que segundo o autor do roteiro era um psicopata.

* * *

No final é dito que essa é a verdadeira versão, mas existem muitas outras, que apresentam outros prováveis criminosos.

No citado filme igualmente é explicado que o nome nunca foi revelado publicamente, pois se acreditava que isso criaria problemas para a rainha Victória.

Bem, Sir William Gull foi um dos suspeitos.

Mas houve inúmeros, como podem comprovar as centenas de livros publicados na ocasião e depois em idiomas e países os mais diversos, além dos milhares de artigos a respeito inseridos em jornais e revistas de todo o mundo, filmes e peças teatrais.

O Estripador foi identificado como um exilado judeu polonês, portador de sífilis, na época uma doença incurável, que buscava vingança. Também foi segundo alguns, agentes secretos alemães, ou mesmo de acordo com outros, membros da família real.

Chegou-se até mesmo a suspeitar do famoso teatrólogo George Bernard Shaw, uma vez que ele descrevia os assassinatos com riqueza de detalhes em seus artigos de jornal.

O príncipe Albert Victor, duque de Clarence, e um dos netos da rainha, foi um dos suspeitos favoritos dos comentários de rua. Segundo os boatos que corriam por toda Londres, ele pretendia matar uma prostituta, Mary Ann Kelly, a última a ser trucidada pelo Estripador... De acordo com o que diziam a respeito daquele nobre e da quinta vítima do assassino, ela estava esperando um filho seu. Ainda segundo o que se falava na época, ele matou as outras para encobrir sua verdadeira intenção. Mas nunca a Scotland Yard fez a menor referência ao duque de Clarence em suas investigações, nem existiram quaisquer registros que tenham o nome do neto da soberana britânica.

F. para concluir este capítulo de registros contemporâneos e históricos acerca de Jack, o Estripador. e para que os leitores possam entender melhor o que se seguirá no capítulo próximo e nos demais, sobre os assassínios em Londres e em San Francisco, um último detalhe.

O nome Jack. foi escolhido pelo próprio assassino.

Durante os dois meses em que os crimes aconteceram, ele chegou a mandar várias cartas para os detetives da Scotland Yard, e nalgumas delas ironizando seus esforços em localizá-lo.

Para provar que era mesmo o homicida, em uma dessas cartas para a polícia, ele enviou o rim de uma de suas vítimas...

CAPÍTULO QUARTO

Um inglês simpático, apesar...

Antes que Dick Carter dissesse qualquer coisa, o sujeitinho que se aproximava dele tirou o cachimbo da boca segurando-o .na mão esquerda ao mesmo tempo que estendia a direita e dizia, com voz grave, sem a menor entonação de empáfia ou superioridade como o jovem representante da lei supusera:

— Ah! Deve ser o delegado Carter...

— Xerife Dick Carter, senhor... — redarguiu o cowboy também estendendo a sua mão e apertando a que lhe fora oferecida pelo visitante.

— Ah! Xerife... Muito bem, xerife. Sou o inspetor Curley, James Everett Curley, da Scotland Yard... Tenho muito prazer em conhecê-lo, senhor!

— Eu também, Curley — replicou o rapaz. — Não gosto de rapapés daqui pra lá nem de tratamentos cerimoniosos. Posso chamá-lo assim? Porque se vamos ficar juntos algum tempo, e tudo indica que sim, gostaria que nos chamássemos pelos nomes. Você é Curley, eu sou Dick ou Carter, como preferir...

O outro sorriu mostrando duas fileiras de dentes perfeitos apenas amarelados pelo uso do cachimbo, enquanto redarguia:

— Ótimo! Também prefiro assim, Carter..., mas já apresentei os documentos que trouxe da Inglaterra para o senhor Welles, Gordon Welles, comissário daqui... Não quero atrapalhá-lo com minha presença, xerife, apenas peço licença para ficar por perto do senhor... de você, desculpe-me! Esses assassinatos que ocorreram aqui me fizeram sair apressadamente do leste e atravessar o seu país muito grande e muito bonito para vir ter aqui... Os dois crimes...

— Quatro — corrigiu Dick Carter. — Se não sabe, nesta noite aconteceram mais dois. Uma chinesa e uma polaca...

— Quatro, hein? E pelo visto o matador parece escolher as vítimas entre as prostitutas de nacionalidades diferentes... Curioso!... Jack, o

Estripador em Londres não assassinou nenhuma estrangeira. Um ponto discordante ou apenas uma manobra ardilosa para desconcertar as autoridades... — murmurou James Everett Curley enquanto acompanhava o xerife de volta para o escritório deste.

Dick Carter voltou-se para ele:

— Isso se for o mesmo sujeito que você procura, Curley... Há uma outra coisa que também parece, note bem, que apenas parece discordar do seu Jack. E que as mortes daqui não parecem seguir os mesmos requintes sádicos e bestiais daqueles que aconteceram em Londres. Não vi as vítimas de lá, Curley, mas examinei bem as que morreram em Frisco. Segundo li nos jornais, depois que ocorreram os dois primeiros, Jack, o Estripador, quase que retalhava todas as mulheres, e as vítimas ficavam com os rostos mais ou menos sem sofrer qualquer golpe.' Mas aqui o matador pareceu apenas se concentrar nos seios e no ventre das infelizes, sem estender as punhaladas para qualquer outra parte...

Entrando na saleta do xerife e sentando-se na cadeira ao lado da mesa atulhada de papéis de Dick Carter, o inspetor inglês murmurou batendo com a piteira do cachimbo nos dedos de outra mão:

— Também percebi isso, xerife. Aliás, foi uma das primeiras coisas que procurei constatar logo que cheguei aqui e examinei os relatórios...

Oh! Desculpe-me Carter, tomei a liberdade, já que você não estava, de pedir ao seu prestimoso auxiliar que tomava conta desta delegacia...

— Xerifado... — atalhou-o o rapaz.

— Deste xerifado— corrigiu-se Curley. — Pois é, como estava dizendo, tomei a liberdade de solicitar ao seu bom ajudante que me deixasse dar uma vista de olhos nos registros dos dois crimes... Agora são quatro!...

Dick Carter olhou para um sujeito alto e um tanto gordo que naquele momento passava pela sala afim de sair e ajudar os gêmeos e o condutor da carroça a retirar os prisioneiros e trazê-los para as celas. Era Tom Bennett, carcereiro e seu auxiliar ali. um sujeito bom e prestimoso. Se permitira que o inglês lesse os relatórios em sua ausência e porque também se convencera das boas intenções do visitante e simpatizara com Curley. Tom Bennett, quando não gostava de alguém à primeira vista, não escondia seu desagrado e não costumava mexer um dedo para ajudar. Era assim com Norton Grant, por exemplo, que o carcereiro simplesmente o ignorava nas ocasiões em que aparecia por ali.

— Muito bem, — disse Carter. — Quer que eu lhe relate como achei as vítimas desta noite, Curley?

Enchendo o bojo da pipa de seu cachimbo com tabaco que tirava de uma pequena bolsa de veludo, o britânico acenou com a cabeça em assentimento.

E enquanto o xerife relatava as condições como tinha encontrado as mulheres, primeiro a bonita chinesinha do Xangai Inn e de madrugada a europeia do Russian Castle, Curley muito compenetrado ouvia-o sem dizer uma só palavra, apenas tirando baforadas do cachimbo preso entre os dentes.

Tom Bennett entrou na sala dizendo:

— Xerife, eu já recolhi todos...

Mas interrompeu logo o que tinha mais para anunciar, quando viu que Dick Carter parecia muito compenetrado em sua explanação ao visitante. Mas sem olhar para ele, o xerife acenou-lhe com uma das mãos como que dizendo que tudo estava bem. Tom Bennett meneou a cabeça em silêncio e saiu, juntando-se a Slinre Slunt e ao cocheiro da viatura de carregar presos, que se achavam fora da sala.

— O xerife parece ter gostado do sujeitinho... — murmurou o carcereiro.

— É, deve ter apreciado sim — redarguiu Slim. — O chefe nunca dispensa tanta atenção à alguém quando não vai com a cara do sujeito... E depois, esse tipo deve ser de boa ajuda para o xerife. Esses crimes com as mulheres estão mexendo com os nervos dele!...

— Com os meus também — acrescentou Slunt.

Achavam-se os quatro ali, conversando aparentemente sobre os problemas de Dick Carter, e lá dentro do escritório prosseguiam o xerife e seu visitante discorrendo sobre o mesmo assunto quando subitamente dois cavaleiros irromperam no pequeno pátio defronte o escritório e cadeia gritando:

— Xerife! Xerife!

— O que aconteceu, fale rapaz! — pediu Tom Bennett ao mesmo tempo que saía ao encontro dos recém-chegados.

— O xerife está? — inquiriu quase sem fôlego um dos cavaleiros.

— Estou sim o que aconteceu? — redarguiu da porta, onde aparecera, Dick Carter.

— Xerife, venha logo! Sam Brodie e sua quadrilha estão assaltando o Banco do Comércio na Missión Street!

— Espere um pouco e acalme-se — disse Dick Carter descendo num pulo os três degraus que levavam à porta de entrada da sua sala. — Como aconteceu, como sabe que é Sam Brodie?

— Ele ficou dentro do banco com seus quadrilheiros depois que algumas pessoas bloquearam do lado de fora!... Mas ele ameaça matar os reféns que apanhou no interior do banco!

— Então ele ficou encurralado dentro do banco! — murmurou Dick como se falasse consigo mesmo. — Ele é bem capaz de matar algumas pessoas que ficaram em seu poder só para podei sair com os apaniguados e levar ainda o dinheiro que certamente já roubou!

Virando-se para os dois homens acrescentou: Voltem para lá e digam para as pessoas que vigiam do lado de fora para não tomarem qualquer iniciativa até eu chegar. Se Sam Brodie ou qualquer dos seus homens tentar sair, façam fogo, mas somente para obrigá-los a retroceder... Se acertarem o facínora é possível que o bandido se vingue nos reféns!

A dupla de informantes já saíra à galope e o xerife voltando-se para seus auxiliares disse:

Slim... Slunt... já sabem, não é? Tirem os seus preciosos rifles, vamos necessitar deles! — e erguendo o olhar para o cocheiro da carroça-prisão concluiu: — Jake, vá atrás da gente...

O rapaz ia se aprontando para montar quando percebeu a figura fleumática do inglês que havia chegado até perto dele e inquiriu:

— Carter... xerife, posso ir junto?

O rapaz olhou-o um tanto aturdido, mas o inspetor James Everett Curley imperturbavelmente abriu o paletó de tweed deixando ver o cabo de uma arma enfiada por dentro na cintura.

— Sei ajudar... e quero fazê-lo, Carter. — disse Curley.

O jovem xerife olhou em torno para ver se distinguia algum cavalo, mas não havia no momento nenhuma montaria por ali. Foi Jake, o cocheiro do veículo quem disse:

— Isso não é problema, senhor... Pode subir para a boléia e ficar do meu lado! Chegaremos lá em poucos instantes!

— ótimo — replicou o britânico erguendo a perna, ajudado pelo condutor do veículo que o pegou por um braço fazendo-o alcançar a boléia.

Dick Carter acenou rapidamente para os gêmeos e para Jake e saindo na frente à trote largo, enveredou pela Liberty até chegar na Misión Street. Aquela rua, a mais comprida da Barbary Coast já se achava bastante movimentada com veículos e cavaleiros indo e vindo nas duas direções. Nem parecia que distante dali a algumas quadras mais acima um banco estava sendo assaltado.

Enquanto galopava, Dick Carter ia pensando na situação.

Aquilo era bem próprio de Sam Brodie. Assaltar um banco cheio de gente em pleno dia! E ele que pensava que o fora-da-lei se achava distante da Califórnia, depois da última perseguição que sofrera quando tentara assaltar ali a Pacific Overseas Corporation, uma empresa poderosa de importação e exportação que se situava com seus armazéns e escritórios na Market Street. Naquela ocasião, Dick Carter e seus auxiliares estavam por perto e conseguiram impedir o assalto da quadrilha do celerado. Sam Brodie conseguira escapar mais não sem deixar estendidos no chão três corpos de seus comparsas abatidos pelos tiros certeiros do xerife e seus ajudantes. Embora o rapaz perseguisse os fugitivos até fora da Barbary Coast, eles sumiram de repente atrás de uma montanha na curva da baía saindo das vistas de Carter e seus companheiros. O bandido e sua quadrilha desapareceram de Frisco, e o xerife pensava que ele tinha desistido de vez de qualquer outra tentativa de assalto, e eis que agora Sam Brodie ressurgia!

Um ajuntamento de pessoas aglomerava-se diante e dos lados do prédio assobradado de madeira que sediava o Banco do Comércio. Muitas daquelas pessoas, que Dick Carter não conhecia, vaqueiros ou moradores da Barbary Coast, empunhavam armas voltadas para o estabelecimento de crédito e pareciam aguardar atentos qualquer movimento. Mas do banco não chegava nenhum som ou ruído. Que estariam os fora-da-lei tramando?

O xerife postou-se diante da porta principal do banco.

Um Sujeito alto e espadaúdo, com vestes mescladas de vaqueiro e de morador da cidade, aproximando-se dele com um rifle nas mãos, disse:

— Está tudo sob controle, Dick! O bandido e nenhum de seus capangas poderão sair! Eles se meteram numa ratoeira!

O rapaz conhecia aquele homem. Chamava-se John Austin e possuía uma loja perto dali. Aparentemente era um dos raros homens de bem na Barbary Coast.

— Não se esqueceu John de que ele tem uma porção de reféns em seu poder? — redarguiu o xerife. — Sam Brodie pode barganhar sua liberdade e a de seus homens além de levar o dinheiro roubado, somente negociando com as vidas desses inocentes!...

Antes que o outro lhe redarguisse, Jake, o grandalhão cocheiro da carroça-prisão chegou perto dele, a pé e tocando-lhe na perna disse um tanto nervosamente:

— Xerife... chefe! O inglês!...

— O que tem ele? — perguntou Dick Carter olhando um pouco para trás do ajudante e vendo o veículo, mas não o visitante em sua boléia, como esperava.

Jake respondeu ainda com alarme no semblante e apreensão na voz:

— Ele... me disse qualquer coisa... sobre ter um plano. Pegou no meu rifle... e saiu correndo... entrando naquele beco ali... — e apontou para o rapaz uma passagem estreita, quase escondida à vista e que de tão exígua mal deixaria um garoto atravessá-la.

— Mas... que diabo pretenderá Curley fazer por ali? — indagou-se sussurrando as palavras Dick Carter. Ele sabia que nos fundos seria impossível para qualquer um chegar, e muito menos Sam Brodie ou qualquer de seus comparsas. Um alto muro de madeira vedava completamente qualquer saída ou entrada por ali, que avizinhando-se do cais do porto, impedia totalmente a vista do outro lado, onde existia um sobradão que dava frente para o atracadouro de navios.

A única entrada e saída do banco era mesmo pela frente, onde postavam-se os homens que a vigiavam. Para o xerife Dick Carter não poderia haver mais dúvidas, o bandido e seus capangas teriam que escapar por ali trocando as vidas dos reféns pelas suas. Depois caber-lhe-ia, e aos seus ajudantes, uma tentativa de perseguir os celerados, mas o rapaz sabia que até nisso levaria uma séria desvantagem. Sam Brodie não titubearia em se apossar de alguns de seus prisioneiros, homens e mulheres, para levá-los junto como garantia de que não sairiam em seu encalço... Era, sem dúvida alguma, uma situação difícil para ele e qualquer um daqueles homens que estavam ali. E agora mais essa! O inspetor da Scotland Yard se metia a herói!

CAPÍTULO QUINTO

Morte na ratoeira

Sam Brodie era um indivíduo de meia-idade, baixo e atarracado, com uma cabeça grande ligada ao corpo por um centímetro de pescoço. Barrigudo, sempre vestido com uma calça justa de brim enfiada em canos altos de botas texanas, trazendo invariavelmente um colete negro por cima de uma camisa suja, tinha no entanto duas coisas peculiares que o tornaram conhecido no mundo dos foras-da-lei na Califórnia, Arizona e Novo México, jamais fora visto sem aquele chapéu de abas curtas e todo preto, e nunca olhava frente à frente... Para o primeiro caso havia uma explicação, o bandido era completamente calvo, e dizia-se que por vergonha da careca dormia até de chapéu, e para o segundo, era óbvio que o sujeito, ardiloso, traiçoeiro e no íntimo um covarde evitava fitar quem quer que fosse, olho no olho, com receio do que visse no outro, medo ou morte. Sam Brodie quando bem jovem consultara uma cigana mexicana que lhe disse:

— Usted vá a mirar la persona que lo matará, mirando a sus ojos...

Desde aquela ocasião, diziam, o celerado jamais cruzara um olhar, nem sequer com seus próprios apaniguados.

Naquele momento ele se achava ocupado em manter sob a mira do seu revólver firmemente empunhado na mão direita um bando aterrorizado de pessoas.

Na frente daqueles reféns via-se um homem alto e magro, de cabelos inteiramente brancos. Era o gerente do Banco Comercial, que tremia quando a arma do fora-da-lei o cutucava na cintura. Atrás dele, enfileirados de dois em dois, viam-se mulheres, crianças e outros homens, e todos eram funcionários ou clientes do banco, surpreendidos pela invasão do estabelecimento quando se achavam entretidos em depositar ou sacar dinheiro, ou aguardando alguma decisão do referido gerente.

Além de Sam Brodie, nove outros bandidos se achavam ali.

Todos com armas nas mãos, colocados nos cantos e nos lados daquela gente amedrontada.

Uma garotinha choramingou balbuciando:

— Mamãe... mamãe... quero ir embora!...

A sua progenitora, que a segurava por uma mão, com lágrimas a escorrerem pelo rosto anguloso e pálido, sussurrou:

— Fique quieta... filhinha!...

Um dos foras-da-lei advertiu-a, porém:

— Cale a boca, dona! E faça essa menina ficar quieta também. Me ataca nos nervos escutar choramingos!...

Então um dos bandidos que estava na frente espiando por uma fresta na porta, voltou-se rapidamente e correu até onde estava Sam Brodie:

— Chefe! — avisou ele. — Já apareceu o xerife... e seus companheiros! Estão parados lá fora juntamente com aquele pessoal que quer nos pegar!

Sem erguer os olhos o chefe da quadrilha riu, casquinando uma pequena gargalhada:

— Ah!... Então o valente Dick. Carter deu as honras de aparecer, hein, Curt! Pois ele vai ser o primeiro a recomendar para todos aqueles estafermos metidos a corajosos que nos deixem passar e sair sem mexerem um só dedo nos gatilhos das suas armas!... Vamos cair fora bonitinhos e levando esses bobocas aqui como escudo... Quando estivermos em nossos cavalos, e eles também, daremos o fora levando o simpático senhor gerente e mais uma meia-dúzia de idiotas que estão aqui... Deixaremos as mulheres, as crianças e os velhos, que só nos dariam trabalho para levar, algumas quadras mais acima, na direção da trilha de San José. É por lá que daremos o fora, está lembrado Curt?

— Sim... sim... sei disso e todos os rapazes também..., mas... e se algum desses sujeitos lá fora disparar?

— Mataremos um dos reféns, ora bolas! Um para cada tiro e dois para cada ferimento que fizerem em vocês!

— Sim... sim... — replicou o seu apaniguado retrocedendo.

Mas era evidente que as palavras de Sam Brodie não haviam animado muito seus comparsas.

Erguendo a voz e falando sem se dirigir a ninguém em particular o facínora ordenou:

— Vamos, basbaques! Em fila e no rumo da porta de saída!

Os reféns começaram, trôpegos e vagarosos a se mexerem.

Mas Sam Brodie gritou, agitado e em voz alta, para dois dos seus cúmplices que estavam atrás:

— Apanharam todo o dinheiro que estava no cofre? Também aquelas barras de ouro? Vocês ficam encarregados de levá-las, mas misturem-se no meio desses panacas!

A fileira de prisioneiros, ante alguns gestos ameaçadores dos revólveres começou a andar mais rapidamente. Então Sam Brodie saiu de onde estava e dirigindo-se à porta colocou a boca num buraco e exclamou:

— Hei, vocês aí fora! Vamos sair com os reféns! Temos muitos deles, ouviram? Homens e mulheres, até algumas crianças! Se alguém fizer um só movimento até chegarmos aos cavalos, passaremos fogo! Entenderam?

Lá de dentro o chefe da quadrilha não poderia ter visto o que acontecera fora.

Uma das principais medidas de Dick Carter logo que chegara com Slim e Slunt fora a de retirar todos os cavalos e veículos da frente do banco. Com Jake, o cocheiro da carroça-prisão, havia cuidado de impedir o trânsito naquela parte da Misión Street enquanto os gêmeos efetuavam aquela providência. Os homens armados, a pé, postaram-se nos lugares mais protegidos em frente e dos lados.

Mas Dick Carter desaparecera dali...

O xerife dando apenas um leve sinal para Slim e Slunt, se enfiarem por aquela estreita passagem lateral, por onde pouco antes tinha ingressado James Everett Curley armado com seu revólver enfiado na cintura e agora com o rifle de Jake.

Rápido, sentindo enorme dificuldade em passar pelo referido beco, ele avançou até o final.

Avistou o inglês que começava a escalar o alto muro de madeira dos fundos. Curley voltou-se, aguardando que o rapaz chegasse próximo. Sem se mostrar desconcertado ou arrependido, o inspetor da Scotland Yard apenas murmurou:

— Somente... quis ser de melhor ajuda, Carter.

Dick fitou-o e ao lugar, inspecionando-o com os olhos:

— Está bem, obrigado, Curley. Mas você é um... visitante... Porque se arriscar com uma coisa que não lhe diz respeito? Desculpe-me, mas...

O britânico, que já exibia sinais de suor escorrendo-lhe pela fronte, redarguiu imediatamente:

— Um homem da lei é um homem da lei em qualquer lugar, em qualquer momento, em toda parte onde se achar!

O xerife não pôde deixar de sorrir:

— Sim, Curley, obrigado mais uma vez. Mas não entendeu que aqui atrás não há nenhuma comunicação com o banco ou com o que existe atrás desse paredão? Os bandidos terão que sair por onde entraram, pela frente!

Todavia, imperturbável Curley respondeu-lhe:

— Permita-me discordar, Carter... Não pode deixar de existir uma abertura deste lado! O banco necessita de uma entrada de ar, por mínima que seja!

— Claro, entendo isso. Mas existem aberturas na parede da frente... Ê por lá que entra todo o ar necessário! O prédio é assim mesmo, nele funciona apenas o banco, não mora ninguém mais! — acrescentou Dick Carter.

— Mas continuo acreditando que haja uma abertura... Vamos subir juntos ou irei sozinho? — inquiriu Curley.

Dick Carter ante tamanha certeza e segurança, redarguiu apenas:

— Claro que irei consigo!...

Agarrando-se como lagartixas à parede, apoiando os pés e segurando-se com as mãos, em saliências da madeira, Curley havia enfiado o rifle de Jake à tiracolo, conseguiram subir. E para assombro do jovem xerife e satisfação do britânico, depararam com uma janelinha sem vidro ou tábua vedando-a, mas que mesmo assim permanecia ainda debaixo do muro dos fundos. Empurraram a abertura, empoeirada e cheia de sujeira provinda certamente do armazém do outro lado do paredão e dos navios que atracavam no cais, e penetraram num aposento escuro, repleto de teias de aranha. Seguramente tinha sido antes da instalação do banco um lugar de vigia ou depósito de materiais que deveriam ser mantidos escondidos, mas agora vazio e esquecido. Certamente nem o pessoal do banco sabia de sua existência. O rapaz cumprimentou mentalmente o britânico pela sua argúcia e tenacidade.

Agachados, livrando-se das teias de aranha, ambos se acercaram de uma espécie de janela, empurrando-a vagarosamente para não serem pressentidos. Ergueram a cabeça e assombrados puderam ver o que estava acontecendo lá em baixo dentro do saguão do banco.

Caminhando vagarosamente na direção da poria de saída, ainda fechada e guardada por dois bandidos, um de cada lado com os revólveres empunhados, a fileira de reféns parecia um bando de condenados à morte marchando para o patíbulo.

Também puderam distinguir oito sujeitos dos lados, atrás ou no meio dos reféns. Dois deles, com sacolas às costas, haviam se metido entre os prisioneiros. Dick Carter reconheceu Sam Brodie na retaguarda. Apontou-o com a arma para o inglês:

— Aquele é o chefe... — murmurou.

Porém ambos e naquele instante pareciam achar-se desesperadamente tentando encontrar um meio de acabar com os celerados, sem colocar cm risco a vida de qualquer dos reféns.

Foi o jovem xerife quem falou:

— Curley... só existe uma maneira de apanharmos os sujeitos antes que saiam pela porta da rua com aquela pobre gente.

— E qual é? —quis saber o inglês.

— Eu tenho o meu Cult e algumas balas... Você possui um revólver, carregado mesmo sem munição de sobra... Também trouxe esse rifle de Jake, que já está carregado, mas sem cartuchos de reserva. Creio que poderemos lazer fogo pegando os bandidos antes que eles tenham tempo de responder...Vamos atirar, cada um de nós, somente numa direção. Eu ficarei com os assaltantes da direita, você com aqueles da esquerda... Pegaremos todos de uma só vez, espero...

— E aqueles que estão misturados com os reféns? Carregam os sacos nas costas, mas têm armas empunhadas... E o chefe deles?...

— Os sujeitos que carregam as sacolas terão que se livrar delas para fazerem fogo em nós é claro. E para isso deverão deixar o meio daquela gente... Será quando os pegaremos. Quanto ao chefe, por favor amigo, deixe Sam Brodie para mim... Temos uma velha conta para ajustar... eu e ele.

— Para mim está bem, Carter — redarguiu o britânico quase sussurrando as palavras.

Então afastaram-se um cio outro, procurando as extremidades da janela, abaixando-se mais e apontando as armas. Curley tirou o revólver de sob o casaco, deixando-o ao alcance da mão. Parecia preferir o rifle que trouxera emprestado de Jake.

A fileira de prisioneiros, cercados pelos celerados aproximava-se agora da porta, e os dois bandidos que as guardavam fizeram gestos de levantarem as trancas antes de abrir as fechaduras por dentro.

— Agora? — inquiriu o inglês.

— Lá! — respondeu Dick Carter.

Eles já tinham feito mira sobre a dupla de assaltantes junto da saída.

Os dois tiros reboaram em uníssono, aparentemente ecoando pelo vasto salão mais abaixo. Mas antes que qualquer um deles, ladrões ou reféns, pudessem perceber o que estava acontecendo ou avaliar de onde tinha partido aqueles disparos, os tipos que estavam começando a abrir aporta caíram. Dick e Curley de onde estavam não podiam ver, mas aqueles reféns e bandidos que estavam mais à frente tiveram uma avaliação precisa do que acontecera com os sujeitos. Alguns deles viraram-se desorientados para todos os lados, de armas em riste, procurando descobrir onde se encontravam seus atacantes invisíveis. Mas antes que erguessem as vistas e dessem com aquela abertura no alto, outros balaços saíram das duas armas e três outros dos bandidos caíram com ferimentos mortais no peito e na cara. Largaram as suas armas enquanto estatelavam-se no chão. Com a metade dos celerados já fora de combate, as reféns pareceram despertar daquela letargia a que tinham sido obrigados a permanecer e dispersavam-se, homens, mulheres e crianças buscando abrigo atrás ou debaixo das mesinhas e do balcão do banco.

Sam Brodie não erguia os olhos, mas mesmo abaixando-os gritou:

— Cretinos! Imbecis! Há alguns atiradores aqui dentro! Procurem-nos antes que eles acabem com vocês todos!

Mas os dois que carregavam os sacos com dinheiro e ouro também decidiram o que Dick Carter esperava que fizessem. Largaram as sacolas de qualquer jeito no chão, e correram para trás afim de juntarem-se ao chefe. O xerife e o inspetor inglês pegaram-nos no meio do caminho, abatendo-os inexoravelmente antes que pudessem ver quem os tinha na mira.

Agora, somente Sam Brodie e dois remanescentes comparsas restavam. E o chefe dos celerados então pela primeira vez em muito tempo, levantou os olhos. Descobriu a janelinha lá em cima. Gritou então num misto de fúria e frustração:

— Larguem as armas, malditos! Ou começaremos a disparar sobre os reféns!

E ato continuo apontou a arma para o gerente do banco, mas um velhote e duas mulheres que estavam próximos dele ainda que tentando proteger-se atrás de uma mesa. Os seus derradeiros cúmplices também fizeram a mesma coisa ameaçando outros reféns.

Dick Carter ergueu-se ao mesmo tempo que bradava para James Everett Curley:

— Aguente firme aí, companheiro, cuidando daqueles dois que eu tomarei conta de Sam Brodie!

E repentinamente alçou o corpo pela abertura da janelinha lançando-se no espaço! Curley apenas apontada o revólver, já que se acabaram as balas do rifle, apertando o gatilho seguidamente e apanhando o par de celerados que secundavam seu chefe na ameaça aos prisioneiros. Fora tudo tão rápido que nenhum deles pudera esquivar-se ou tentar fugir.

— Mas, e Sam Brodie?

Ao pular lá de cima o rapaz tivera, entretanto, um alvo.

Acrobaticamente, com risco de errar a direção e esborrachar-se no chão ou em cima de alguma mesinha dos fundos do salão, acertou, porém! Caiu bem em cima de Sam Brodie que nem tempo teve para esquivar-se! Mesmo apanhado assim e tão violentamente, o fora-da-lei teve ainda forças para tentar erguer-se e sacar a faca que levava enfiada no cano da bota alta. O seu revólver caíra de suas mãos e jazia alguns metros longe dele, mas Dick Carter mantivera bem firme a arma que segurava ao jogar-se sobre o bandido.

Antes que o chefe da quadrilha desbaratada tirasse a lâmina e a brandisse sobre o jovem xerife, este recuou rapidamente erguendo meio corpo e pressionando o gatilho! Era a carga restante do Colt e Carter havia municiado o revólver enquanto se preparava lá em cima para aquele salto!

Toda a saraivada cravou-se no corpo do celerado que rodopiou à cada projétil, como um animal ferido e raivoso, deixando ver as manchas de sangue que apareciam no seu peito, na cara e nos braços onde os furos se confundiam com o líquido rubro... Abrindo os braços e caindo para trás, estatelou-se no meio da imensa poça de sangue...

Naquele mesmo momento a porta frontal era aberta por alguém dentre os reféns, e um grupo de pessoas empunhando armas adentrou o banco.

Tinha sido tudo muito rápido.

Os homens que entravam olharam surpresos paia os cadáveres estirados no chão, dez deles, nas mais grotescas posições. Depois fitaram os reféns, que pareciam ressurgir das profundezas do inferno. Por fim viram Dick Carter e aquele tipinho engraçado com um rifle na mão. John Austin, os gêmeos e mais alguns sujeitos pararam ...

— Morreram como ratos que eram!... — Murmurou o primeiro ainda atônito.

CAPÍTULO SEXTO

Duas mulheres

Naquela quinta-feira, logo de manhã, fazia-se grande movimentação no Golden Valley Ranch, a imensa propriedade de Cyril Plunkett situada bem no meio do extenso e rico vale de pastagens. Homens e mulheres, mexicanos e americanos saíam e entravam da casa-grande que sediava o rancho carregando malas e pacotes depositando-os ao lado da carruagem puxada por duas parelhas de cavalos bonitos e fogosos já atrelados, e com um sujeito gordo e baixo sentado na boléia.

— Vamos, gente! Andem logo com isso! O patrão não demorará a aparecer com sua mulher e filha! — dizia o gorducho do alto de onde se achava, acenando e mostrando que deveriam concluir logo aquele carregamento de bagagens.

Uma das mulheres que tinha trazido uma caixa alta e redonda, evidentemente com chapéus femininos, redarguiu risonha para o cocheiro do veículo:

— Até parece que vão viajar para o leste, Juan! E é só para San Francisco!

— Pare de mexericar, mulher! Ande logo com isso! — disse e o homem com uma expressão alegre no semblante. — O patrão quer levar a esposa e a filha para passarem uma temporada em Frisco! É um direito deles, não é Conchita?

— Si, si hombre! Ê um direito delas..., Mas quando a pobre senhora Plunkett vivia o patrão não costumava levá-la com tanta assiduidade à cidade!...

Juan, o cocheiro, preparava-se para retrucar qualquer coisa para a referida empregada quando olhou para a escada que conduzia ao cimo do terraço na frente da casa e franzindo o cenho replicou:

— Cállate mujer! Eles já vêm aí!

A chamada Conchita e os demais que ali se achavam -pararam imediatamente os seus cochichos e murmúrios e logo deram início ao

trabalho de colocar as malas e pacotes no teto da carruagem e no porta-malas traseiro da viatura. Enquanto as mulheres erguiam e passavam as bagagens outros homens amarravam-nas. Os que iriam viajar chegaram então perto do coche.

O sujeito alto e magro, vestido como cowboy rico, era o senhor Cyril Plunkett, proprietário daquele rancho. A bonita morena com cerca de trinta anos do seu lado direito, era Flora Martinez, segunda esposa dele. À esquerda do rancheiro, uma moça, de estatura média, loira e muito atraente, não podia ter mais do que vinte anos de idade, acenava sorrindo para as pessoas que ali se encontravam, empregados do Golden. Ambas vestiam compridas saias, elegantes blusas e tinham chapéu no alto da cabeça.

— Adeus, amigos — disse Cyril Plunkett logo que entrou no coche depois das duas mulheres, pondo a cabeça para fora da portinhola e abanando uma de suas mãos em despedida. — Cuidem bem da casa e do rancho! Adios amigos!

— Hasta luego senor y senoras! Vayan con Diosl — murmuraram as pessoas que ficaram.

Juan o cocheiro já dera saída e os empregados do rancho Golden ficaram onde estavam com os braços erguidos e acenando-lhes. Até a carruagem desaparecer da vista deles deixando a via de acesso e entrando na trilha todos permaneceram ali.

Cyril Plunkett.

Cinquenta e sete anos de idade. Tinha sido um dos pioneiros da Califórnia antes mesmo da guerra com o México e independência do estado. Claro, ele chegara ali muito jovem, pouco mais do que um menino ainda. Sem família e apenas desejoso de trabalhar e progredir, conseguira à custa do esforço próprio tomar posse daquelas terras no Vale Dourado no condado de Santa Rosa e transformá-las no mais rico e poderoso rancho de criação de gado e cavalos no sudoeste californiano, entre a cidade e o mar.

Casara-se muito moço com Martha Starret, e desse matrimônio tiveram uma filha, Jane, que crescera ao lado dele servindo de dona de casa por muito tempo, pois sua progenitora morrera vitimada de febre num inverno rigoroso quando ele tinha dez anos de idade. O seu pai, viúvo, havia aguentado a solidão por quase nove anos seguidos até aquela ocasião em que levando a filha para San Francisco, conhecera ali Flora Martinez. Esta era uma bailarina e cantora de descendência espanhola, nascida em

Sacramento e que os azares da vida haviam transformado numa das muitas mulheres que se prostituíam na grande cidade que possuía o maior e mais movimentado porto do Pacífico. Cyril Plunkett, geralmente sóbrio e avesso a qualquer tipo de divertimentos ou prazeres, havia ido a um saloon com alguns amigos de San Francisco e lá conhecera Flora. Foi amor a primeira vista... Conquanto apaixonando-se logo pela moça e voltando nas noites seguintes ao referido saloon, Cyril Plunkett devotava à filha grande afeição e não queria contrariá-la. Ele já havia decidido, tiraria Flora daquele ambiente e a levaria consigo para o Golden Valley Ranch, mas somente o faria se Jane concordasse. Se ela se mostrasse contrária àquela repentina união, ele abdicaria do intento ou trataria de pensar noutra maneira de possuir Flora Martinez... Por isso havia combinado com a bailarina e cantora um plano... Tirou-a do saloon, e um dia apresentou-a à filha como sendo uma viúva que conhecera há tempos... e com a qual pretendia casar. A descendente de espanhóis sabia mostrar-se simpática e seguramente não fingia quando conhecendo a filha do homem que queria oferecer-lhe uma vida dignificante e segura, mostrou-se muito simpática. Jane gostou dela no primeiro instante em que a conheceu. Moça humilde e simples, que crescera praticamente sozinha ao lado do pai no rancho, era a primeira a perceber que o mesmo necessitava de ter uma nova mulher para amar e cuidar dele. Ela sonhava também em encontrar um dia o seu príncipe encantado, um homem que despertasse em seu coração a chama do amor e a fizesse vibrar de emoção e expectativa pelo futuro... Até então havia conhecido muitos rapazes, cowboys, filhos de rancheiros vizinhos do Golden, advogados, banqueiros do Vale Dourado, mas não se interessara por nenhum deles, principalmente porque parecia levar em conta em primeiro lugar o cuidado com o pai. Mas aquela súbita decisão de Cyril Plunkett a tornara duplamente feliz.

Primeiro, porque gostara de Flora, e a viúva parecia sinceramente desejosa de substituí-la no encargo que até então era inteiramente seu, como sejam, a direção da casa e o zelo pelo progenitor. Flora Martinez não estava cometendo nenhum sacrifício, ao contrário, inteligente e sinceramente, havia se compenetrado de que com aquela união livrava-se de uma vez por todas com todos os laços que a prendiam à vida insegura e repleta de lances difíceis, para se tornar uma respeitável, rica e prendada mulher casada... A diferença de idade entre ela e Cyril Plunkett não constituía qualquer óbice, e

a antiga dançarina e cantora de saloon soube desempenhar muito bem o seu novo papel, além de conquistar inteiramente a confiança e amizade da filha do marido. Davam-se plenamente as duas, e eram elas que decidiam as viagens para visitas e compras à San Francisco, Los Angeles, Sacramento e San Diego.

Naquela quinta-feira ambas estavam radiantes no coche.

Sentado no banco defronte as duas, o pai de Jane e marido de Flora também parecia muito satisfeito só por vê-las tão juntas e unidas, como duas garotinhas da mesma idade e não como madrasta e enteada.

Naquela viagem à Frisco, ele pretendia não apenas rever velhos amigos que moravam em Nob Hill ou na Barbary Coast, como também tratar de negócios. Tinha naquele ano já engordado nas pastagens do Golden um grande rebanho de gado longhorn que exportaria para o México no sul através de navios, reservando apenas uma pequena parte da manada para suprir o mercado interno da Califórnia, onde também vendia os cavalos que criava e domesticava no rancho. Enquanto isso, Jane e Flora podiam se divertir fazendo compras, visitando algumas conhecidas que residiam no morro, onde ficariam todos hospedados na casa do juiz Hopkins, seu bom amigo e um dos poucos ali que sabiam a verdadeira procedência da sua segunda esposa. Essas aliás era o único temor de Cyril Plunkett. Que algum dia Jane ficasse a par da origem de Flora, descobrindo que ela não tinha sido nenhuma viúva e que seu pai a encontrara num saloon... Embora sua nova mulher já houvesse passado por uma grande transformação física, vestindo-se sobriamente embora elegante, mudando de penteado e com maneiras completamente diferentes daquelas que costumava efetuar quando não passava de uma bailarina e cantora, o velho temia intimamente que ela fosse reconhecida na Barbary Coast.

Mas Cyril Plunkett confiava em Flora e nos amigos de Nob Hill, que discreta e educadamente o ajudariam a manter incógnito o referido pormenor, que sabia, eles escondiam até mesmo de suas próprias mulheres.

A viagem levou um dia e meio.

Almoçaram em Hyacinthville, jantaram e pernoitaram em Santa Maria e pela manhã ultrapassavam San José chegando a San Francisco na sexta-feira por volta do meio-dia.

Juan, logo à entrada da cidade, desviou o coche da Barbary Coast levando-o para uma das subidas da colina. Chegaram incontinenti ao bairro

elegante e à casa do juiz Harry Hopkins que parecia ter permanecido em casa somente para aguardá-los. Previdentemente, Cyril havia-lhe escrito uma carta poucas semanas antes contando-lhe sobre a visita e dando-lhe a data de sua presença.

Jane e Flora foram saudadas com grande efusão de alegria e satisfação pelo anfitrião, enquanto Juan descia as malas e pacotes levando-os para dentro da bonita moradia com a ajuda de uma empregada.

— Minha querida Jane... estimada senhora Plunkett — disse-lhes o juiz. — Estamos muito felizes por tê-las conosco... E eu principalmente bastante satisfeito por revê-lo, Cyril. Sejam bem-vindos!

A mulher de Harry Hopkins também os acolheu com visível contentamento. O juiz só tinha um filho, Edward, que também parecia se achar na residência naquele momento somente para recepcionar os visitantes. Ele era um rapaz alto e magro, elegantemente vestido à moda citadina, e já deveria estar entrando nos trinta anos de idade. No entanto era solteiro ainda..., mas não havia dúvidas de que qualquer interesse de sua parte por Jane seria inconcebível, pois ambos se tratavam polida e afetuosamente, quase como dois irmãos apenas. Edward Hopkins aprendera também a conhecer a filha de Cyril Plunkett desde muito tempo antes e quando das visitas dela e de seu pai, como uma menina apenas voltada então para o bem-estar do progenitor.

— Jane! Como gosto de revê-la, minha querida amiguinha! — exclamou ele correndo ao encontro da garota e apertando-lhe jovialmente as mãos.

Depois virando-se para Flora Martinez ele disse:

— E à senhora também, madame Plunkett! Fiquem à vontade em nossa casa e divirtam-se!...

Foi Cyril Plunkett, no entanto quem, horas depois, já acomodado na casa do juiz, apanhando um jornal da cidade, viu as letras destacadas do grande título na primeira página.

Ele se achava sozinho na sala de estar, mas tão logo concluiu a leitura da reportagem, dobrou e guardou o referido jornal, como se temesse vê-lo nas mãos de outra pessoa. No entanto, era óbvio que naquele momento já havia sido lido por todos os que estavam ali, exceto Jane e Flora logicamente. Contudo a reportagem que o impressionara referia-se à série de mortes, de prostitutas na cidade, detalhando cada uma delas e dizendo

que possivelmente eram crimes cometidos por Jack, o Estripador, que desaparecera de Londres há quatro meses. Segundo as especulações do autor daquele artigo, sabia-se que a polícia inglesa não descartava a idéia de que o assassino havia deixado a Grã-Bretanha, provavelmente fugindo para a América do Norte... Segundo ainda o repórter, já se sabia que um inspetor da Scotland Yard, a organização policial da Inglaterra, se encontrava em San Francisco para ajudar as autoridades da Barbary Coast em suas investigações..

Depois do jantar, naquele primeiro dia de sua estada ali, ao acompanhá-las aos seus quartos no pavimento superior, o rancheiro pediu-lhes:

— Minhas queridas... Flora e Jane... quero solicitar-lhes uma coisa... Não desçam à Barbary Coast.

E ante o olhar de estranheza da filha, acrescentou logo:

— Pelo menos sozinhas e sem mim... Amanhã vou passar quase que todo o dia fora tratando de assuntos importantes com os exportadores de gado. Por favor, não saiam de Nob Hill.

E sem dar outras explicações, tentando não despertar suspeitas em ambas, sorriu-lhes deixando-as no corredor.

Foi Jane quem disse para Flora:

— E agora?... Já combinamos com Edward que iríamos dar uma volta amanhã pela Misión Street na Barbary Coast!... Conheci lá na última vez que passei nessa rua, uma lojinha maravilhosa! E onde havia à venda muita coisa de fora! O que faremos, Flora?

A outra redarguiu cautelosamente:

— Não sei, querida!... Acho que devemos obedecer ao seu pai, Jane...

Todavia a moça não se deu por vencida.

— Está resolvido! Iremos sim! Pedirei ao Ed para não contar à ninguém... Não usaremos o coche de papai, mas o do juiz. Estaremos sós aqui com Edward, e ele poderá arranjar um condutor para sua carruagem! Papai estará fora e nunca saberá!

Flora Martinez, porém, não parecia muito radiante com o plano de Jane.

— E se Cyrus descobrir? — inquiriu ela.

— Ora, deixe-se de bobagens Flora! Ninguém ficará sabendo! Ele é muito discreto... Sairemos, sim!

No dia seguinte, depois que Cyril Plunkett deixou-as seguindo na carruagem conduzida por Juan, e levando também o juiz e sua mulher que tinham um compromisso nalgum lugar no condado de Marin, do outro lado da baía e não retornariam tão cedo, fane. Flora e Edward saíram no coche dos Hopkins com um condutor que trabalhava na casa.

Alegre, descontraído, o rapaz portando-se como um perfeito cavalheiro, acompanhou-as a quase todos os lugares que elas quiseram ir, notadamente Jane, até que visitassem lojas e armazéns e efetuassem algumas compras.

Mas Flora Martinez foi vista por alguém...

Ao reconhecê-la, o indivíduo murmurou para si mesmo:

— Então voltou, hein, sua meretriz vagabunda! Não soube aproveitar a chance de sair daqui e manter-se longe desta imundice! Sei quem é aquele sujeito que está acompanhando-a e com a outra... certamente uma perdida como você, Flora! Edward Hopkins... não vale nada! Mas ele me levará até onde estão, malditas!....

CAPÍTULO SÉTIMO

Suspeitas

Naquela manhã de sábado o jovem xerife dirigiu-se ao seu escritório mais cedo do que habitualmente costumava fazer. E havia um motivo para isso. Era o fim-de-semana e Dick Carter temia que sucedessem alguns acontecimentos mais importantes do que os costumeiros distúrbios, tumultos, brigas e assaltos que sempre ocorriam nos sábados e domingos. O rapaz estava com os pensamentos presos ao matador de prostitutas, e à todo momento parecia ver alguém procurando-o para relatar o encontro de uma nova vítima do sádico assassino. Depois das mortes da chinesinha e da polaca, parecera haver uma pausa, mas Dick Carter pressentia que logo a situação voltaria a agitar-se... Intimamente alguma coisa parecia dizer-lhe que aqueles assassinatos tendiam a continuar, encobrindo alguma coisa que ele não poderia saber o que era, mas que existia por detrás dos referidos crimes. Nunca em nenhum momento, Dick acreditara ser obra do tal Jack, o Estripador, porque negava-se a crer que o matador de prostitutas de Londres houvesse chegado a San Francisco. Ele havia, com Slim e Slunt, e através de seus informantes costumeiros, efetuado uma ampla investigação e não descobrira um só indício da existência de um estrangeiro na Barbary Coast.

Tom Bennett entrou na sala, e sem dizer nada, entregou-lhe um jornal. Era o San Francisco Chronicle, um dos três que circulava na cidade, porém dentre eles o que lhe parecia mais criterioso e comedido em seus informes e comentários.

Dick Carter abriu-o e logo na segunda página viu o que procurava. Um pequeno editorial sob o título Frisco importou um matador? O articulista discorria sobre os quatro crimes havidos sem entrar em maiores detalhes até chegar a um parágrafo em que perguntava dos leitores: Estará em San Francisco realmente um assassino vindo de fora? O autor da matéria fazia referência a Jack, o Estripador, e concluía afirmando que a presença na cidade de um detetive da Scotland Yard, aliás um excelente policial conforme ficara comprovado no Banco Comercial dias antes quando

ajudara o xerife Carter a desbaratar a quadrilha de Sam Brodie, parecia confirmar essa teoria.

O comentário terminava com um item que deixou o jovem xerife de cenho franzido... A pausa nas mortes das mulheres de vida irregular poderá significar que o assassino, seja ele o Estripador britânico ou não, receia a presença do ativo inspetor da Scotland Yard que parece ter bom faro, tanto assim que chegou a Frisco alguns dias antes da primeira morte. Isso significa que a famosa polícia britânica já teria em mãos algum indício certo e seguro do local para onde teria se dirigido o matador londrino ao fugir daquele país.

Dick colocou o jornal aberto sobre a mesa e fitou o ar, aparentemente absorto em divagações.

Ele se achava tão mergulhado em seus pensamentos que nem percebeu a aproximação, do lado de fora, de [ames Everett Curley.

O rapaz estava ao mesmo tempo aborrecido e incrédulo.

Então aquele inglesinho estava ali, na cidade, desde antes do primeiro caso? E naturalmente com o conhecimento de Gordon e de Norton Grant... Porque Curley não o procurara antes? E então uma súbita suspeita assomou à mente do xerife. Ele não tinha visto até então nenhum documento do inspetor e não poderia saber se ere efetivamente quem dizia ser... Acreditara apenas nas palavras de Norton Grant que lhe dissera sobre a visita que receberia do inglês, mas em nenhuma ocasião vira qualquer papel que identificasse o sujeitinho... Poderia bem ter sido ele quem assassinara as quatro moças, e passando-se por policial ficaria encoberto pelo disfarce e livre de quaisquer suspeitas!

— Bom-dia, Carter! Posso entrar? Oh, desculpe-me xerife, já estou dentro — e com estas palavras alegres o homenzinho que ele acreditava ser um inspetor da Scotland Yard ingressou na sala.

O rapaz fitou-o.

Costumava acreditar que sabia julgar alguém pela aparência. E aquele James Everett Curley, como dissera chamar-se, não lhe parecia desmentir nem um pouco o juízo que dele fizera logo ao botar-lhe a vista pela primeira vez alguns dias antes. O inglês não tinha qualquer semelhança com uma pessoa falsa, mentirosa e insana.

O que sucedera com ambos no Banco, comprovara sobejamente esse julgamento de Dick Carter. Curley se mostrara frio, conciso e perfeito em

seus mínimos gestos, como deveria acontecer com um bom representante da lei! Agira rápido, positivamente, ajudando-o a eliminar os bandidos numa fração de tempo, como seria exigido para o bom êxito da incumbência que ambos tinham lá em cima no pequeno galpão poeirento do Banco! E se fosse o criminoso, poderia muito bem ter-se aproveitado e liquidando-o à ele, Dick Carter, inventando depois que tinha sido uma bala de um dos foras-da-lei! Não, Curley não era um assassino!

— Bom-dia, Curley. Levanta-se cedo, hein? — redarguiu o rapaz.

Mas o detetive britânico já havia visto o jornal aberto sobre a mesa. Apontando-o murmurou:

— Vim o mais depressa que pude, Carter. E... por causa disso aí... Costumo ler todos os jornais bem de manhã. E deparei com esse artigo... Naturalmente quer uma explicação, não é mesmo?

Dick Carter não respondeu, apenas sorriu levemente.

Mas Curley prosseguiu, depois de sentar-se na cadeira ao lado da mesa do xerife:

— Eu não lhe dei qualquer explicação, Carter, porque pensava que seu chefe, o comissário Welles, ou aquele outro delegado lá da parte de cima da cidade, Norton Grant, haviam-lhe dito que eu já me achava em San Francisco. Vim da Inglaterra com outros dois colegas. Eles ficaram no leste, mas eu cruzei todo o território americano para vir ter aqui. Chegamos em janeiro, quase que em seguida à comprovação de que Jack, o Estripador, havia deixado o meu país. A princípio, estive em Los Angeles, em San Diego e também em Sacramento, muito rapidamente, mas o tempo necessário para comprovar que o assassino seguramente não estava por lá. Depois vim para San Francisco e procurei passar desapercebido entre tantos estrangeiros que vivem aqui na Barbary Coast. Mas tão logo aconteceu o primeiro crime, com aquela moça chamada Sally, apresentei-me ao comissário Gordon Welles e entreguei-lhe cópias das credenciais que havia trazido. Os seus originais estão aqui comigo... Trouxe-as para mostrar-lhe porque acredito que o senhor Welles não se deu ao trabalho de mandá-las para você.

Dick Carter, que ouvira em silêncio o quase discurso do britânico, fez apenas um gesto de quem não eslava interessado em verificar aqueles papéis que o outro lhe estendia, mas James Everett Curley permaneceu firme com eles na mão.

— Está bem, Curley, só para satisfazê-lo... — murmurou o rapaz pegando nos documentos e passando-lhes os olhos.

Ali estavam a confirmação da Scotland Yard apresentando Curley como inspetor de homicídios, outro papel com o timbre daquela organização acrescentando que seu portador estava comissionado numa investigação especial no exterior, e uma carta de apresentação da chancelaria britânica dirigida a todos os representantes diplomáticos da Grã-Bretanha em qualquer parte do mundo, recomendando que recebessem bem o portador e lhe dispensassem todas as facilidades possíveis.

— Obrigado, Curley. Era bem o que eu pensava ... — disse o jovem xerife sorrindo e concluindo: — Confesso-lhe que a princípio, quando li o jornal, cheguei mesmo a duvidar de você. Mas logo em seguida recordei-me de sua atuação ao meu lado lá no Banco e na implicância que o comissário e o xerife de Nob Hill têm de mim, e percebi o que acontecera. Mesmo antes que você entrasse, Curley, eu já compreendera tudo. Guarde esses papéis, são seus amigos. E mais uma vez, bem-vindo inspetor Curley! Tenho grande satisfação em tê-lo comigo!

O inglês sorriu e apertou a mão que lhe fora estendida por Dick Carter.

O dia transcorreu aparentemente como acontecia todo sábado.

Volta e meia os gêmeos deixavam o escritório para sair, acompanhados de Jake e do seu carroção de presos, para trazê-lo vazio ou com alguns marujos, malandros da Barbary Coast ou uns poucos cowboys embriagados e briguentos. Dick Carter e Curley permaneceram no escritório até a tarde, quando saíram para jantar a convite do xerife. Achavam-se no restaurante, num canto da Market Street, quando inesperadamente Slim e Slunt entraram afoitos e percorrendo com os olhos as mesas. Ao darem com o rapaz e seu amigo, rumaram bem depressa até eles.

— Xerife... uma encrenca no Sea Princess... — começou Slim.

— É o pregador... chefe! — acrescentou Slunt.

— E o que ele está fazendo desta vez? — inquiriu o xerife aborrecido.

— Surrando duas infelizes garotas do saloon e ameaçando uns vaqueiros que estavam com elas... — disse mais Slim.

Dick ergueu-se visivelmente aborrecido enquanto murmurava para Curley:

— Sinto muito, amigo, mas tenho que interromper o jantar. Você pode ficar e concluir a sua refeição...

Mas, James Everett Curley também levantando-se e tirando o guardanapo enfiado no colarinho disse:

— Nada disso, Carter! Já se esqueceu que também possuo um cavalo? Vou junto...

O rapaz jogou sobre a mesa algumas moedas e saiu acompanhando a dupla de gêmeos seguido do britânico.

Efetivamente Curley tinha agora um cavalo, alugado numa estrebaria, de modo que não necessitava mais de ir ao lado de Jake na boléia do carroção de presos. Nem este se achava nas imediações. Os quatro, lado-a-lado, cavalgaram na movimentada rua subindo-a no rumo daquele saloon que ficava na Mission. Fora o mesmo lugar onde poucas semanas antes Danny Crawford conhecera Sally, a primeira vítima do matador de prostitutas. Enquanto cavalgava o rapaz meditava sobre isso. E também sobre o pregador.

Era assim chamado aquele indivíduo alto e magro, de basta cabeleira negra e esticada até a nuca, barba e bigodes pretos e reluzentes como asas de corvo. No alto da cabeça costumava envergar uma cartola da mesma cor dos cabelos, vestindo um fraque já muito surrado e botas curtas. Intitulava-se um pregador de Deus na terra para combater o pecado. A princípio parecera inofensivo, apenas tumultuando os bares e saloons onde havia mulheres e mesas de jogos. Depois tornara-se mais atrevido, e a par de suas ameaças prometendo o inferno escaldante para os homens que bebiam, jogavam e mantinham relações com aquelas moças, começara a chicoteá-los, além de promessas mais pesadas... Dick Carter o prendera dois meses antes e depois de um julgamento presidido pelo juiz Harry Hopkins, havia sido mandado para uma prisão do outro lado da baía. Mas agora estava ali, solto e livre! Bolas! O rapaz perguntava-se a si mesmo porque o tinham liberado da cadeia... E de novo reaparecia na Barbary Coast perturbando uns e outros, causando distúrbios!

A tarde já estava se findando e o sol já desaparecia no horizonte quando chegaram ao seu destino.

Apesar do movimento na referida rua havia um grupo de curiosos diante do Sea Princess.

Ao verem o xerife chegar acompanhado daqueles três companheiros todos se afastaram rapidamente. Eram vaqueiros, marinheiros e outros populares vestido à maneira da cidade. Lá de dentro do saloon no entanto

não chegava até eles qualquer ruído. Estava muito silencioso e Dick estranhou esse fato.

Mas com exceção de Curley, ele e os gêmeos sacaram os revólveres dos coldres e com eles empunhados empurraram a portinhola de vaivém adentrando o bar.

Uma expressão de surpresa assomou aos rostos deles.

Todos dentro do Sea Princess pareciam estupificados! Garçons, os dois barmen atrás do balcão, os fregueses e as garotas... E havia já uma multidão de fregueses em torno das mesas ou junto do balcão... cowboys, marujos e outras pessoas como que hipnotizados, olhavam todos silenciosos para o canto direito do bar onde havia um tablado usualmente utilizado pelas bailarinas, cantoras e músicos. Mas desta vez três pessoas em cima do pequeno palco mantinham-nas presos pelos olhos ao que sucedia nele!

— Por São Jorge! — exclamou então Curley. — O que é isso?

Isso, como o detetive britânico havia designado, era um sujeito muito magro e alto brandindo uma faca longa e fina cuja lâmina brilhava à luz dos candeeiros que iluminavam o salão. Ele tinha uma cartola no alto da cabeça e vestia um velho e surrado fraque, tudo negro e brilhando. Com aquela arma pontiaguda e perigosa ameaçava um rapaz, certamente vaqueiro, e uma moça. Ambos estavam caídos sobre o assoalho do tablado e pareciam esperar a qualquer momento os golpes fatais que o pregador lhes desferiria.

— Pare com isso, pregador! Jogue fora essa faca! — grifou Dick Carter erguendo o revólver e apontando-o para o sujeito.

O sujeito assim chamado voltou-se muito lentamente para a direção de onde se achava o xerife. Como que reconhecendo o rapaz, e sem modificar a expressão facial, o pregador disse com uma entonação de escárnio e desdém:

— Ah! É você, xerife? Não pode deter-me! Tenho que castigar estes dois pecadores! Deus ordenou-me para fazê-lo!...

Vendo as expressões aterradas do moço e da garota, e os olhares medrosos dos demais, Dick Carter sussurrou para Slim e Slunt:

— Deem um jeito de sair daqui... cerquem o sujeito pelos flancos! Ele está louco! Terei de pegá-lo vivo!...

Mas Curley também murmurou:

— Deixe-me ajudá-lo, Carter... Fiquem aqui, rapazes — disse o inglês para os gêmeos. — Eu irei pela esquerda...

Porém o pregador como que percebendo a manobra dos homens da lei, ergueu a mão que manejava a faca já ameaçando descê-la sobre o rapaz ou a moça.

Vendo o perigo iminente daquele doido e percebendo que nem ele nem Curley poderiam chegar a tempo, o xerife disparou!

Uma única vez, mas o suficiente para acertar no braço armado do pregador que proferiu um grito ao mesmo tempo em que deixava cair a lâmina. Um suspiro de alívio pareceu ressoar unissonamente no saloon ante aquele resultado, e os gêmeos correram por entre as mesas pulando sobre o tablado e tirando o pregador dali. Porque em seguida, e como todos despertassem ao mesmo tempo, homens e mulheres começaram a gritar em coro enquanto alguns puxavam suas armas e com elas nas mãos dirigiam-se na direção do louco.

— Parem todos! — trovejou a voz autoritária de Dick Carter.

Ele e Curley, que também havia tirado o seu revólver da cintura, apontavam as armas para a multidão.

— Porque não tiveram esse ímpeto de valentia quando ele começou a ameaçar os dois? — perguntou o rapaz.

Slim e Slunt começavam a puxar o pregador para os fundos, quando dois tiros se fizeram ouvir! Ninguém pôde perceber de onde partiram, mas era evidente que não foram disparados por qualquer um deles ali dentro. Todavia o pregador arregalando bem os olhos e deixando ver os dois furos negros já alargando-se no peito da sua camisa suja, abateu os braços e amoleceu o corpo caindo no assoalho. Os gêmeos nem puderam segurá-lo!

Dick Carter e Curley, que em largas passadas já haviam cruzado o pequeno tablado e se encontravam junto do ferido e dos gêmeos confusos e aturdidos, viraram-se tentando enxergar quem fizera aqueles disparos, mas não conseguiram descobrir o menor indício. As pessoas que ali se achavam com os revólveres nas mãos, tinham-no abaixado e faziam meneos com a cabeça negando terem sido as autoras dos balaços.

Mas Slim, que se abaixara sobre o corpo caído e dobrado no chão do pregador, subitamente exclamou:

— Xerife! Ele ainda não morreu! E parece estar querendo dizer alguma coisa!...

Dick Carter imediatamente ficou de joelhos e colocou os ouvidos sobre o peito sangrento do ferido. O coração batia fracamente, e não restavam

dúvidas de que o pregador estava moribundo. Mas ele parecia desejar dizer alguma coisa!

O rapaz levou o ouvido bem próximo da boca do outro e murmurou:

— Fale pregador!... O que está querendo me dizer?... Vamos, diga!...

CAPÍTULO OITAVO

A pista

Alguns minutos depois, o xerife e o inglês, ambos montados de novo em seus cavalos, diante da porta de entrada do Sea Princess, presenciavam os gêmeos ajudados por Jake a tirarem o cadáver do pregador do interior do saloon e a levá-lo para o carroção que também servia de transporte funerário.

Dick Carter tinha os pensamentos Voltados para aquela figura exótica e esquisita de homem que Slim e Slunt carregavam para fora.

O pregador...

Chamava-se realmente Jonathan Stanford, e viera do leste para a Califórnia muitos anos antes. Provavelmente fazendo parte da guarnição de algum barco, mas nunca se soubera sobre ele mais do que o nome. Jamais fora encontrado um só papel que atestasse sua condição de pastor de alguma igreja, nunca se achara em seu poder, nas vezes em que tinha sido preso antes e preliminarmente à sua condenação, quaisquer testemunhos de quem era, de onde viera ou a idade que possuía. No entanto era evidente uma coisa. Jonathan Stanford era um desequilibrado, um débil mental que apregoava em seus inflamados discursos poderes que lhe teriam sido dados por Deus para castigar os homens e mulheres da Barbary Coast que infringissem as leis da moral e dos costumes. Uma tarefa impossível de conseguir, diga-se de passagem...

Mas o que encabulava o rapaz era aquela súbita fúria que parecia ter se apossado do pregador naquele dia... E as palavras que ele, agonizante e nas vascas da morte, tinha lhe sussurrado.

Antes quando de suas pregações, sempre com uma Bíblia ensebada numa das mãos, o sujeito havia clamado contra o pecado, contra as tentações da carne, da bebida e dos jogos. Nunca tinha se mostrado como daquela feita tão violento e manejando ao mesmo tempo um chicote e uma faca. E pretendendo castigar de forma tão violenta aqueles dois surpresos e medrosos cowboy e a garota...

Dick Carter parecia concentrar-se mentalmente nas palavras que lhe tinham sido proferidas por Jonathan Stanford pouco antes de morrer... Não as tinha dito para ninguém, e nenhuma das pessoas haviam lhe perguntado.

Mas o rapaz sabia que não poderia permanecer silencioso.

Logo que os gêmeos colocaram o cadáver dentro da carroça e Jake subiu à boleia do veículo para tirá-lo dali, levando-a para o cemitério situado num terreno localizado no terminal desabitado da Barbary Coast, ele voltou-se para Curley e murmurou:

— Você deve estar morrendo de curiosidade para saber o que o sujeito me disse, não é mesmo Curley?

O inspetor da Scotland Yard virou-se para ele redarguindo:

— Confesso que sim, Carter. Mas sei também que as coisas devem ser ditas em local apropriado... Nunca me apressei em tirar conclusões e ouvir o que os outros têm a me dizer.

Dick Carter assentiu, e seguidos por Slim e Slunt tiraram os cavalos dali conduzindo-os para a rua movimentada. Os gêmeos já à cavalo também seguiam-nos.

Chegando ao seu escritório na Liberty Street o rapaz estacou sua montaria diante do prédio e desmontou. Curley o imitou enquanto Slim e Slunt prosseguiam adiantando-se ao encontro de Tom Bennett que os aguardava mais no fundo.

Entraram os dois, o xerife e o inglês na sala.

— Sabe o que o pregador me sussurrou, Curley? — começou Dick Carter sentando-se na cadeira atrás da mesinha. — Apenas isto... Piora... Flora Martinez... está aqui... nos altos... e bem junto daquele que vai matá-la... ela foi uma pecadora..., mas casou-se. E veio diretamente para as mãos daquele que quer assassiná-la.

— Só isso? — inquiriu o britânico.

— Não acha que já foi muito, Curley? Para alguém que estava morrendo foi preciso muita força para me dizer — replicou o xerife.

O inglês, que não tinha se sentado, deu uma volta pela sala aparentemente pensando. Depois parou diante da mesa do xerife.

— Quem é essa Flora Martinez? E por acaso você sabe o que significa nos altos? — inquiriu.

Dick Carter após meditar um instante respondeu:

— Parece que sim, Curley. Nos altos com certeza queria se referir o pregador a Nob Hill. Flora Martinez, pelo que me lembro, e eu a conheci vagamente pois desapareceu da Barbary Coast logo depois que eu cheguei, era uma garota de saloon. Mas nunca soube que se casara e tinha saído de Frisco. O pregador deve tê-la visto por aí, hoje ou ontem...

James Everett Curley estacou diante do rapaz.

— Parece-me lógico, Carter. Esse sujeito doido viu-a em algum lugar, reconhecendo-a e lembrando-se imediatamente que ele já fora uma de suas ameaças pelo fogo eterno da condenação... Lembrou-se que a mulher tinha se casado, mudado completamente de vida... e... o...

— E o que mais, Curley? — quis saber Dick Carter.

O inglês sentou-se na cadeira do lado da mesa completamente desorientado. O rapaz sem sorrir, mas enrugando a fronte prosseguiu:

— Quer saber o que deduzi de tudo, Curley?

E como o detetive da Scotland Yard nada dissesse, o jovem xerife continuou:

— Não sou um investigador experiente como você, é claro, mas tenho massa cinzenta dentro desta cabeça para tirar conclusões... Oh, não Curley! Não estou querendo menosprezá-lo nem à sua inteligência. Ê que antes de me tornar um xerife, como cowboy que fui, aprendi a manejar rápida e instantaneamente o cérebro... Quando não havia vacas, nem bois ou bezerros para apartar na pastagem, ou cavalos para domar, eu costumava pôr-me num canto e meditar. Desenvolvi um tirocínio que me dão pensamentos, nem sempre certos, é claro, mas a maioria das vezes bem próximos da razão... Por exemplo...

O britânico atalhou-o:

— Permite-me adiantar-lhe, Carter? Também tenho um raciocínio rápido à minha maneira... Você, meu amigo, depreendeu de tudo isso, que essa Flora Martinez foi uma perdida da Barbary Coast e que o pregador a conheceu muito bem, e que segundo o seu modo de pensar ela redimiu-se casando-se e saindo daqui... Também de alguma forma, por viver metido em cantos escuros e sórdidos, ele avistou quem matou as quatro mulheres antes...

— Sim... sim... mas continue por favor... — disse o rapaz. — Está repetindo o que estou pensando!...

— Pois é — prosseguiu o inglês — De alguma forma-o tal de pregador testemunhou alguém nos lugares onde foram perpetrados os crimes... Deve ter imaginado que se tratava de mais um reformista, como ele, e não se importou até ver a moça em companhia do outro... O mesmo que já havia identificado antes nos lugares dos crimes. E antes de morrer, quis prevenilo, meu amigo! Ele também, embora tivesse o cérebro tumultuado e confuso, soube distinguir a intenção do sujeito que reconheceu embora não lhe soubesse o nome... Pelo menos, Carter, é o que posso supor de tudo isso.

Dick Carter meneou a cabeça e retorquiu:

— Bateu comigo em quase todos os pontos, Curley, exceto numa coisa... O pregador deve ter ligado as intenções do assassino, mas não pôde entender o porquê da sua pretensão de matar essa Flora Martinez... Ele certamente não conseguiu compreender o real motivo. E também eu... A troco de que o sujeito após exterminar com requintes de barbaridade quatro mulheres se demoraria em executar mais essa?

James Everett Curley então murmurou:

— A menos que tivesse premeditado tudo...

— Não entendo... — disse Dick.

— Sim, o criminoso pode querer ter dado a impressão de que as quatro mortes de antes fossem cometidas sem ter qualquer ligação com a quinta. Essa Flora Martinez... É um tanto difícil de se acreditar, mas nada nos resta para imaginar — concluiu o britânico.

Dick Carter levantou-se da cadeira e deu a volta na mesa.

— Então só me resta uma coisa, encontrar o mais depressa que for possível onde está essa moça que se casou, e avisá-la do perigo que corre. Mas onde poderá se achar? Em Nob Hill, é tudo que sei... — murmurou o xerife.

— Porque não chama seu colega, o delegado Norton Grant e pede-lhe ajuda? — perguntou Curley.

Mas antes que o rapaz lhe redarguisse, Jake entrou esbaforidamente na sala seguido dos gêmeos e de Tom Bennett exclamando:

— Xerife! Um tiroteio no porto!

Dick Carter voltou-se para ele.

— Estava demorando a acontecer mais alguma coisa neste sábado. O que foi desta vez, Jake?

O condutor da carroça de presos tirou o chapéu de abas caídas dos lados, coçou a cabeça calva e murmurou:

— Eu estava passando pela Jay Street, aquele beco que sai da Misión, o senhor sabe onde fica... Vinha de volta do cemitério e ao dar a volta escutei os tiros. Parece ser numa loja e havia muitos vaqueiros e marinheiros do lado de fora, mas todos com revólveres e rifles parecendo tomar posição para responder ao fogo que vinha de dentro.

— Vamos — disse Dick Carter passando por ele, afivelando o revólver na cintura e saindo com o inglês, os gêmeos e Jake atrás de si.

— Fico aqui ou quer que vá junto? — quis saber Tom Bennett, mas o xerife fez-lhe um gesto:

— Permaneça aqui, Tom. É possível que Jake lhe traga a carroça cheia de gente para ser trancafiada.

Os quatro homens mondaram e saíram em seguida, com Jake subindo ao alto do seu veículo e pondo-o em movimento.

Quando chegaram a Jay Strett puderam ver um ajuntamento de muitas pessoas diante de um prédio baixo, mas comprido e de frente larga com quatro portas. Diante delas podiam-se divisar inúmeros homens, marujos e vaqueiros, todos armados, que se agachavam dos lados ao mesmo tempo que apontavam e disparavam os revólveres e rifles que empunhavam. A um olhar de Dick Carter, o rapaz constatou que não havia nenhum corpo caído na rua, mas não podia ter certeza ainda da inexistência de baixas porque a noite caíra repentinamente e os lampiões acesos nas imediações iluminavam fracamente o local.

— O que aconteceu? — perguntou o xerife a um sujeito que se achava mais afastado.

— Não sei direito, xerife... — replicou o interpelado. — Cheguei há pouco..., mas segundo consegui apurar é um bando de ladrões que entraram na loja para assaltar e estão lá dentro mantendo os donos, os empregados e os fregueses presos.

Curly manifestou então sua opinião:

— Essa gente aqui fora disparando para o interior do armazém pode ferir, e até mesmo matar pessoas inocentes!

— Exatamente — redarguiu Dick Carter que avançando o seu cavalo para o meio da turba, gritou: — Obrigado, rapazes! Mas daqui por diante o negócio é meu. Saiam e guardem suas armas!

Os populares atenderam-no e ele, Curly, Slim e Slunt de armas às mãos aproximaram-se cautelosamente, cada um ao lado de uma porta. Abaixaram-se para esquivar aos balaços que vinham de dentro, mas sem replicar aos mesmos, até que o xerife pondo uma das mãos em concha em torno da boca, gritou: — Entreguem-se, malandros. É a lei que está aqui!

— A lei, ora a lei! Vá para o diabo que o carregue! — respondeu lá do interior uma voz rouca e raivosa. — Estou me lixando para você, seu imbecil! Já esqueceu de que mantemos alguns tipos com a gente aqui? Se não der o fora e deixar-nos sair, mataremos um por um, entendeu?

Dick Carter não disse mais nada, mas trocou olhares com os gêmeos e com Curly, ao mesmo tempo que lhes mostrava os flancos da construção com movimentos da cabeça.

Os três compreenderam o que ele quis dizer-lhes e silenciosamente saíram abaixados dali. Os gêmeos rodaram o prédio pela esquerda, e o detetive da Scotland Yard pela direita.

Naquele rápido, porém decisivo diálogo com os bandidos que se achavam dentro da loja o rapaz já pudera reconhecer, pela voz, quem era o chefe dos bandidos. Tony Razor, um fora-da-lei de segunda categoria, mas notório por sua maneira traiçoeira e pérfida de agir. E muito certamente acompanhado dos quatro mesmos indivíduos que o seguiam alguns meses antes, quando estivera na Barbary Coast, mas tivera de dar o fora antes que pudesse cometer alguma das suas.

Erguendo-se junto da parede, Dick Carter empunhou bem firme o Colt na sua mão direita enquanto levantava a perna e desferia violento pontapé na porta do lado, mas ato contínuo virou-se para a outra e fez o mesmo. Chutou-a tão forte com a bota que a porta se escancarou.

Mas enquanto lá do interior da loja partia uma saraivada de projéteis sobre a primeira, que ele chutara, mas não abrira, ingressou para dentro com o revólver apontado e pressionando o gatilho. O rapaz pudera enxergar logo iluminados pela luz de um lampião, homens agrupados e de armas nas mãos. Mais ao fundo, de pé e aglomerados, um número grande de homens e mulheres, seguramente os donos, empregados e fregueses da loja.

Disparando incessantemente o revólver dirigido para o quinteto, apertou o gatilho seguidamente. E acertou os quatro primeiros projéteis nos sujeitos que estavam do lado de Tony Razor. Eles vergaram o corpo antes que pudessem se virar e erguer suas armas na direção daquele furacão em

forma de gente que penetrara no estabelecimento! Enquanto os corpos caíam e se estatelavam no chão, pelas janelas dos fados, arrombadas com violência pelos gêmeos e por James Everett Curley, eles penetraram no recinto acercando-se dos amedrontados prisioneiros.

Dick Carter ordenou então para Tony Razor:

— Jogue sua arma no chão e depois erga os braços, seu vagabundo!

Com os olhos brilhantes e cheio de ira, o bandido olhou para os seus capangas que jaziam grotescamente no assoalho, depois para o rapaz.

— Venha me pegar, bastardo! — sibilou o bandido.

Dick Carter pensou imediatamente na situação. Os donos, empregados e fregueses estavam à salvo, protegidos pelos seus três companheiros. Mas Tony Razor ainda estava bem vivo, com uma arma que poderia se achar carregada ou não, enquanto ele tinha apenas dois projéteis restantes. Se trocasse tiros com o celerado, podia ser apanhado primeiro. Por isso e não querendo prolongar mais a contingência, nem se mostrar indeciso ou com temor, avançou com passo celeremente ao mesmo tempo que se jogava no chão. Mas enquanto a arma de Tony Razor cuspia balas sobre o lugar onde mantivera o corpo pouco antes, o rapaz virava-se e debaixo para cima apontando o Colt, apertou o gatilho duas vezes consecutivas.

Os projéteis ejetados alcançaram a testa do bandido quase abrindo-a ao meio... Tony Razor ergueu os braços em desespero, deixando cair longe o revólver. Mas logo vergando as pernas e dobrando o corpo caiu para a frente, emborcando-se no chão com sangue voando para todos os lados... E bem morto!

CAPÍTULO NONO

O assassino

Flora Martinez sentia-se presa de profunda sensação de mal-estar e não podia esconder uma estranha e perturbadora inquietude. Mas não deixava transparecer aos demais na casa do juiz Harry Hopkins o menor sinal de perturbação para não causar qualquer embaraço ao marido ou à filha deste... Cyril Plunkett já tinha dito, na véspera, que sairiam dali retornando para o Golden Valley Ranch no dia seguinte, isto é, na segunda-feira. Jane por sua vez se mostrava radiante pela estada em San Francisco e planejava para aquele domingo um passeio com Edward por Nob Hill e depois, pela Barbary Coast... Só que Flora, mesmo autorizada pelo esposo, não tinha a menor vontade de dar aquela volta de carruagem pela parte baixa da cidade. Flora tinha a nítida impressão de que quando no passeio anterior estava no coche, atravessando uma das ruas principais da zona do porto, fora observada durante longo tempo... Ela não sabia explicar por quem nem onde sentira aquela sensação de ser vigiada, espreitada e acompanhada por olhos maus e fixos nela, mas tinha certeza de que fora reconhecida e atentamente observada. Não dissera nada à Jane nem a Edward, pois ambos desconheciam seu passado, mas ficara silenciosa o restante do dia, fechada em seu quarto e à noite, quando o marido regressara, fingiu-se um pouco indisposta. Todavia prometeu a si mesma que daria um jeito de recusar futuros convites da enteada.

E então, no domingo, quando todos estavam à volta da mesa para almoçar, a esposa do juiz em dado momento saiu-se com estas palavras:

— Flora, minha querida! Até parece que vocês contribuíram para minorar o estado de apreensão que reinava na Barbary Coast!

Como todos a olhassem sem compreender o motivo porque ela fizera aquele comentário, a senhora Hopkins sorriu prosseguindo:

— Não viu, querida, como cessaram os crimes de Jack, o Estripador?

— Jack, o... quê? — perguntou Jane.

A mulher do magistrado olhou-os com curiosidade.

— Não leram os jornais de San Francisco nestes dias? Eles têm publicado reportagens diárias sobre os crimes cometidos na Barbary Coast por um matador de... prostitutas! Foram quatro já! E todas mortas com requintes de perversidade, tais como aconteceram em Londres há poucos meses por Jack, o Estripador! Até se chegou a dizer que o assassino britânico tinha fugido para cá!

Cyril Plunkett disfarçou seu nervosismo enquanto o juiz e o filho trocavam olhares rápidos. Flora não pôde deixar de abaixar a cabeça dissimulando concentrar-se na comida que estava em seu prato, mas Jane foi a única a parecer interessada.

— Um matador de... prostitutas? — exclamou a moça. — Mas isso é muito interessante! Porquê?

O seu pai tocou-lhe de leve com uma das mãos ao mesmo tempo em que murmurava:

— Não é nada que possa perturbá-la, minha filha. Esqueça-se do assunto e coma!...

Depois virando-se para a esposa do seu anfitrião murmurou com certo embaraço:

— Desculpe-me, senhora Hopkins...

O juiz sorriu levemente tentando desmanchar aquela evidente nota perturbadora do almoço e dirigindo-se à esposa inquiriu:

— Tem algum plano para hoje, minha cara? Afinal de contas amanhã nossos amigos retornarão ao vale dourado...

E a conversação dali por diante, esquecido o assunto trazido à baila pela dona da casa, transferiu-se para outros temas. Mas Flora Martinez conquanto sorrisse e tentasse acompanhar os demais, bem dentro de si sentia uma angústia indescritível. Intimamente perguntava-se porque lhe tinha sido escondido aquele fato. A antiga mulher de vida fácil na parte baixa da cidade sabia que seu marido costumava ler os jornais atentamente todos os dias quando se levantava e tomava o desjejum. Porque Cyril, o juiz e até mesmo o seu filho tinham escondido delas, de si e de Jane, aqueles acontecimentos?

À tarde, a mulher de Harry Hopkins convidou-a para ir junto até a casa de uma amiga em Nob Hill onde outras senhoras se reuniriam para uma sessão de jogos, mas ela recusou pretextando ter que ficar para arrumar malas e pacotes para a viagem no dia seguinte.

Jane, impulsiva e eufórica, embora lamentando a ausência da madrasta, aceitou o convite de Edward para saírem na carruagem e darem uma volta pela cidade.

O juiz e Cyril anunciaram terem que ir à casa de um amigo, em algum ponto de Nob Hill, para passarem a tarde concluindo alguns negócios.

— Tem certeza de que ficará bem, sozinha aqui, minha querida? — perguntou o dono do rancho à esposa.

Flora redarguiu-lhe:

— Porque pergunta, meu amor? Claro que ficarei bem... Aliás, Juan permanecerá na casa... — redarguiu-lhe Flora.

— Está certo, está certo... — replicou Cyril Plunkett. — Mas como é nosso último dia aqui e você não saiu nem uma vez com Jane e o filho do juiz, achei que poderia aproveitar este domingo fazendo algumas compras em Barbary Coast.

— Já se esqueceu, meu bem, que foi você mesmo quem nos recomendou que evitássemos descer à Barbary Coast? — inquiriu a mulher.

O marido dela pigarreou encabulado, mas respondeu:

— Foi somente no começo, minha querida... Como estamos agora praticamente de malas prontas para retornar, julguei que gostaria de dar uma volta... — replicou o rancheiro.

— Não, vá você com o juiz, meu bem. E Jane se divertirá com a companhia de Edward... Eu ficaria aqui, como já disse, concluindo a arrumação das coisas — murmurou Flora olhando-o com ternura.

Mas a mulher já se apercebera do motivo pelo qual o esposo certamente evitara tocar no assunto das mortes das pobres moças na Barbary Coast. E o juiz e seu filho também. Embora ela tivesse até ali pensado o contrário, ficara evidente que pai e filho de algum modo conheciam o seu passado. Quanto à senhora Hopkins, ou ela também ficara a par de sua vida pregressa ou sabia disfarçar muito bem o fato. E sua referência ao matador de prostitutas, na mesa do almoço, fora pura casualidade. Porém Flora, bem dentro de si, ainda mantinha aquela estranha sensação que a perseguia desde o passeio de dias antes pela zona portuária de San Francisco, e queria mais do que a tudo dar o fora o mais depressa possível. Sabia a mulher que muitas esposas daqueles sujeitos ricos e importantes que moravam em Nob Hill, tinham em seu passado capítulos negros, manchas feias que se ligavam à prostituição, vidas libertinas e se

associavam ao crime e violência, mas transformadas em damas estáveis e respeitadas da comunidade. Como acontecera aliás, em muitas partes do oeste norte-americano. Mas ela em especial tinha algo que a maioria das outras não possuía, Flora Martinez tinha sido em seu passado la chiquita del amor, como tinha sido apelidada nos primeiros tempos de prostituição, devido ao seu ardor e fogosidade. Depois amainara seus gestos e práticas transformando-se naquela que Cyril Plunkett havia conhecido e por quem se apaixonara, tirando-a da Barbary Coast e casando-se com ela. Porém a própria Flora reconhecia que aquela parte da sua vida anterior, quando homens bonitos e feios, ricos e pobres, ou indivíduos violentos e brutais tentaram tê-la exclusivamente para si, ainda não tinha se apagado da lembrança de todos e que custaria muito a ser esquecida. Uma época que arrastara muitos tipos quase à loucura, mas que então foram desprezados ou simplesmente postos de lado. Flora Martinez, conquanto não se sentisse presa à ninguém mais do seu passado, e pretendesse viver somente para o seu casamento, naquele domingo, quando permaneceu só na grande casa do juiz, não pôde deixar de repassar aquele período mau de sua existência... Uma fase que não fora somente de amores e prazeres, mas também de experiências amargas e dolorosas, e que por isso mesmo havia-se modificado completamente, a tal ponto que merecera a atenção e a confiança de Cyril Plunkett.

Enquanto colocava roupas, embrulhos e coisas que o marido e Jane haviam adquirido afim de serem levados para o Golden Valley Ranch, ela podia escutar a voz de Juan lá fora em algum lugar, a escovar e tratar os cavalos das parelhas da carruagem que os levaria de volta.

Não virei mais para Frisco... — pensava a mulher. — Pelo menos por algum tempo... Ninguém conhece o que fui em San Diego... em Los Angeles... talvez até mesmo em Sacramento... E Jane gosta tanto de passear e fazer compras! Direi a Cyril que nos leve para lá...

Pareceu-lhe em certo momento ter ouvido alguns ruídos diferentes lá em baixo, e mesmo terem cessado os cânticos de Juan, mas só se importou com o repentino silêncio que subitamente pressentiu na casa quando após ter amarrado e enfiado em sacolas alguns pacotes, deu-se conta de que somente o tique-taque de algum relógio no corredor do lado de fora do quarto era quase que imperceptivelmente escutado onde estava. Mas mesmo

assim não se importou, concentrada que se achava no afã de concluir a tarefa.

— Nossa, que silêncio! sussurrou para si própria.

Então repentinamente o ruído de passos furtivos na sala de jantar mais • abaixo chegou até ela, cessando logo em seguida.

Flora Martinez deu-se conta de que alguma coisa estranha e imprecisa estava acontecendo.

Mas não se inquietou inteiramente.

Deveria ser Juan entrando na casa para beber água ou apanhar alguma coisa que necessitasse para terminar as lides de preparar a carruagem na viagem de volta no dia seguinte.

Todavia a mulher largou a sacola da qual se ocupava no momento, erguendo-se e saindo à porta.

— Juan! Juan! — chamou. — É você?...

Ninguém respondeu e isso aumentou o sentimento de medo que somente naquele instante surgira em seu coração.

Medrosamente agora, inquieta e trêmula, deixou o aposento começando a descer a escada. Poderia ser o juiz Hopkins que havia voltado à casa por qualquer motivo depois de ter acompanhado Cyril. Mas o que a intrigava verdadeiramente era Juan não lhe ter redarguido quando o chamara.

Pé-ante-pé chegou ao final da escada e cruzou a vasta sala de jantar chegando até a cozinha. A porta que dava acesso ao quintal arborizado estava escancarada, causando-lhe maior inquietação e surpresa, pois quando haviam saído e deixando-a sozinha, ela própria havia verificado que tinha sido fechada.

O juiz não estava ali, ninguém mais ao que parecia. E Juan?

— Juan! — tornou a chamar.

Somente o murmúrio da brisa suave sobre as copas das árvores do parque que constituía o quintal da mansão do juiz, respondeu-lhe...

Então seus olhos deram com um corpo caído no chão a poucos metros do beiral da porta e do lado de uma pilha de sacos vazios. Reconheceu de pronto as vestes que recobriam aquela pessoa que ao que parecia, achava-se morta porque grande quantidade de sangue esvaía-se de sua cabeça.

— Juan! — gritou Flora aterrorizada, identificando o corpo.

Mas antes que saísse correndo como pretendia na direção do homem, uma voz se fez ouvir quase do seu lado. Soturna, murmurante e ameaçadora:

— Florita, la chiquita dei amor... — disse alguém.

Ela voltou-se de sopetão, fitando o homem que sem sorrir, mas empunhando uma faca longa e brilhante a olhava ao lado do fogão.

— Não se esqueceu de mim, não é mesmo querida? — indagou o sujeito.

Trêmula, pálida, ela ainda pôde inquirir:

— O... que... quer?... O... que... pretende ... fazer?

— Apenas... matá-la, minha querida! — respondeu o indivíduo ao mesmo tempo que avançava ameaçadoramente, já com a mão erguida. Justamente aquela que manejava a lâmina!

CAPÍTULO DÉCIMO

O matador

Naquele domingo, e ele não havia dormido à noite, preocupado e apreensivo, Dick Carter chegara bem cedo ao escritório do xerifado. Logo depois surgia James Everett Curley, que também não parecia ter repousado convenientemente.

— Onde estão os dois irmãos? E Jake? E Tom? — inquiriu o detetive britânico logo após haver ingressado na sala.

— Os gêmeos chegarão mais tarde, com Jake — redarguiu-lhe o rapaz. — E Tom Bennett está aí fora, junto das celas, ao que parece dormitando um pouco... Afinal tivemos um dia e uma noite cheia ontem...

— Isso mesmo — disse Curley sentando-se e olhando-o. Depois de um pequeno momento de pausa o inspetor da Scotland Yard, inquiriu: — Está tenso e preocupado, não é mesmo, meu amigo?

— Dá para perceber? — ripostou o xerife com uma indagação.

— Dá e compreendo perfeitamente — murmurou Curley que concluiu: — Está dando nos nervos da gente esse silêncio... essa pausa... Mas já chegou a alguma conclusão? Ontem, depois que nos separamos, vi-o fazendo algumas perguntas na Misión Street...

— Realmente — redarguiu Dick Carter. — Perguntei aqui e acolá, e descobri... Quem foi essa Flora Martinez e o que aconteceu com ela. Mais ainda, pude também ficar sabendo que está aqui em San Francisco e onde...

— A prostituta a que se referiu o pregador moribundo? — indagou Curley.

Dick James fitou-o antes de redarguir:

— Essa mesmo, meu amigo. Só que não é mais nenhuma meretriz. Ela casou-se ao que parece muito bem com um rancheiro do vale dourado, e vive confortavelmente na propriedade do marido, que possui uma filha moça. Ela mudou completamente transformando-se numa senhora respeitável e estimada. Nem por sombras mostra ter sido a antiga prostituta

que foi. Mas está aqui, ou melhor, em Nob Hill com o homem que a desposou e a filha dele, hospedada na casa do juiz Harry Hopkins.

— Oh, meu amigo, você ficou bem inteirado dela! Como pôde saber de tudo isso? — quis saber o inglês.

— Flora Martinez foi vista em Barbary Coast um dia destes, numa carruagem conduzida pelo filho do juiz, e também com a sua enteada... Muita gente além de percebê-las na Misión Street a reconheceu... Inclusive o pregador... — murmurou o xerife que acrescentou: — Certamente o nosso doido não somente se lembrou dela como também deve ter percebido que o assassino das quatro moças a identificou como a antiga chiquita dei amor.

— O que disse? Não entendi as últimas palavras — interrompeu-o James Everett Curley franzindo o cenho.

— São palavras espanholas, ou um dito mexicano que significa a garota que sabe fazer amor — respondeu Dick Carter.

— Hummm... — fez Curley. — E isso torna-o muito preocupado, não é mesmo? Mas se ela está na casa de um juiz e em Nob Hill, o assassino não poderá fazer-lhe mal. Nunca ele se arriscaria a ir até a colina para matá-la.

— Tem certeza disso, Curley? Não acredito... O sujeito é um tarado, vingativo e cruel! Não hesitará diante de nada! — ripostou o rapaz, que levantou-se apanhando o Colt de uma das gavetas da mesa e colocando-o no coldre. Depois virou-se para o inglês e disse: — Vou até a casa do juiz em Nob Hill. Você vem comigo?

Mas o inglês fazendo uma expressão estranha no semblante redarguiu-lhe:

— Desta vez sinto muito, Carter. Tenho uma pista para seguir no cais do porto... Sabe, ontem eu fiz algumas perguntas sobre forasteiros recentemente chegados... Desculpe-me, não é mesmo Carter? E também não senti nenhuma preocupação por essa tal de... Flora... não é assim que se chama a antiga prostituta agora tornada uma mulher respeitável? Mas, você vai sozinho, meu amigo?

— Sim — respondeu-lhe Dick Carter. — Não procurarei nem Norton Grant... Verei como está Flora Martinez, sem especificar nada mais do que uma simples curiosidade. Depois que certificar-me que ela se acha segura, voltarei. Se você deparar por aí com os gêmeos, por favor, diga-lhes que pedi para me aguardarem aqui, está bem Curley?

— Está. Se eu os ver não deixarei de transmitir-lhes o seu recado. Boa sorte, então!

— Até mais tarde, amigo. Também lhe desejo boa sorte em sua investigação no porto... — e dizendo isso o rapaz passou pelo detetive britânico saindo para fora do escritório, chegando até onde se achava o seu cavalo e montando-o.

Da porta, George Everett Curley acompanhou-o com o olhar até vê-lo desaparecer pela Liberty Street na Misión, poucas quadras mais adiante.

Dick Carter apressou o trote da sua montaria ao se acercar da entrada principal do morro. Um guarda que se achava de vigia na cancela reconheceu-o e acenou-lhe afavelmente. Dick Carter acelerou sua montaria enquanto subia a encosta divisando a faixa repleta de telhados de Barbary Coast ao longo da baía. Muitos navios com as mais diversas bandeiras ancoradas no porto ou ao longo da massa de água calma marcavam o movimento do porto. Também um sem número de pequenas embarcações com velas abertas navegavam no mar, próximos dos barcos ou longe deles. Uma visão bonita para alguém que não a conhecesse de antes ou que se achasse a passeio, mas o rapaz tinha pressa e após dar uma única olhada concentrou-se no trajeto que tinha pela frente.

Carter não conhecia exatamente a localização da residência do juiz Hopkins em Nob Hill, mas isso não seria dificuldade para ele. Perguntaria para alguma pessoa que encontrasse no caminho. O jovem xerife pretendia deparar com todos menos com Norton Grant, o xerife lá de cima. Após vinte minutos de subida encontrou a plataforma elevada onde situava-se o bairro elegante e privado de San Francisco, e não lhe foi difícil obter de um entregador de jornais a indicação que desejava.

— A casa do juiz Hopkins? — indagou o rapazinho. — Fica ali mesmo depois daquela curva e além do sobrado maior... — disse-lhe o mensageiro apontando um dedo para a frente.

— Obrigado — agradeceu-lhe o xerife, dando maior velocidade ao cavalo.

Não se via ninguém mais nas ruas de Nob Hill naquele instante, e o xerife de Barbary Coast só podia enxergar as elegantes e suntuosas casas, quase todas cercadas de grandes parques arborizados quando passava diante delas. Mas não teve dificuldades em localizar aquela que buscava, pois, ao dobrar a curva e ultrapassar um prédio alto enxergou um marco de madeira

encravado na grama com um nome, H. Hopkins, Fed. U. S. Judge. Era ali que morava o juiz, mas não se via ninguém nas imediações. Dick Carter desmontou deixando o seu cavalo na entrada do parque e com largas passadas dirigiu-se para os fundos. Lá chegando sacou a arma do coldre empunhando-a firmemente numa das mãos. Tinha feito essa manobra sem fazer quaisquer ruídos que denunciassem sua presença.

Não haveria alguém em casa? — indagou para si mesmo, estranhando a quietude e inexistência de um empregado que fosse, mas logo divisou mais no fundo e junto de um tronco de pinheiros um cavalo selado. Isso foi o suficiente para entender que mais alguém tinha chegado ali e antes dele.

Tomando mais precaução e encostando-se à parede diminuiu o seu avanço, ao mesmo tempo em que corria com os olhos as imediações. Enxergou do outro lado uma carruagem estacionada no meio do quintal, como se estivesse sendo arrumada para alguma viagem, mas deu com a vista em algo mais.

A poucos metros do veículo, caído de costas para o chão havia um corpo! Era um homem de meia-idade e de aparência mexicana, e se achava desacordado ou morto. Não podia saber, mas pelo sangue que podia lobrigar de onde estava, e pela aparência era um vaqueiro, e tinha sido posto abaixo por um contundente golpe na cabeça.

Então seus sentidos foram alertados pela porta aberta logo próxima do coche e do homem que jazia no solo. E alguma coisa lhe disse que havia gente naquela dependência, certamente a cozinha da casa!

O xerife agachou-se encostando-se mais rente da porta e avançou...

Ao chegar do lado da porta ergueu-se e entrou de arma levantada no cômodo... Era efetivamente a cozinha e as duas pessoas que ali se achavam olharam-no ao mesmo tempo.

Uma delas, a mulher, parecia aterrorizada e lágrimas de medo já lhe deslizavam pelas faces pálidas e trêmulas... O homem manejava uma faca longa e ameaçava desferir um golpe no instante em que o rapaz assomou à porta.

— Largue essa faca! Afaste-se dela! — gritou Dick Carter.

Mas o outro rodeou o pescoço da mulher com um braço enquanto continuava ameaçando-a cm a lâmina. E com os olhos quase fora das órbitas, murmurou:

— Eu a matarei, xerife! Abelhudo dos infernos! Saia da frente, Dick Carter!

Ante aquela situação o rapaz hesitou.

Entre ele e o assassino havia agora a mulher transida de medo. Porém o jovem xerife sem baixar o revólver repetiu:

— Largue essa faca e entregue-se, John Austin!

Pois o matador de prostitutas era nada mais nada menos do que o comerciante da Misión Street, que o ajudara há poucos dias no cerco de Sam Brodie e sua quadrilha quando estes tentaram assaltar o Banco do Comércio em Barbary Coast! Enquanto tentava desesperadamente imaginar uma maneira de salvar a mulher e dominar o assassino, o rapaz pensava como se enganara a respeito de John Austin, a quem considerava um sujeito íntegro e digno de respeito e aparentemente um dos poucos homens de bem que residiam na parte baixa da cidade.

Mas foi Flora Martinez quem deu-lhe a oportunidade para apanhar o outro.

Subitamente, como se desfalecesse, ela vergou o corpo fechando os olhos e caindo para o chão antes que o matador pudesse segurá-la. Aquela manobra apanhou o criminoso completamente desprevenido, pois ele estava fixo no xerife e não teve tempo de ampará-la com o único braço livre.

Enquanto Flora Martinez no assoalho movia o corpo rolando-o para fora do alcance de Austin, Dick Carter estendia o punho esquerdo com tamanho ímpeto que atingiu o assassino no queixo arrebentando-lhe aquela parte do rosto.

— Mal...dito! — rugiu cheio de raiva o criminoso, que não largara a faca e possuído de força inconcebível saltava para cima do jovem xerife desequilibrando-o. Ambos caíram no chão, agarrados um no outro, com Carter tentando à todo custo livrar-se do braço armado de seu antagonista que erguia e abaixava a lâmina procurando acertar o peito do representante da lei. Para defender-se daquele ataque fulminante e perigoso o rapaz tivera que desfazer-se do Colt deixando-o no solo. John Austin era mais forte fisicamente do que sua aparência dava a entender... Dick Carter certificou-se disso ao mesmo tempo em que estava preocupado em ter as mãos livres para atacar e desarmar o seu furioso adversário.

Então o matador de mulheres pareceu por um instante levar a melhor!

Com um repentino repelão havia erguido meio corpo e ameaçava o xerife com o braço levantado que segurava a faca, como também com a outra mão segurava-o pelo pescoço. O sangue que se esvaía do seu queixo partido respingava sobre o rapaz.

Foi Flora Martinez quem ainda rolando o corpo 110 assoalho pegou no revólver deixado cair pelo representante da lei e apertando-o nas duas mãos descarregou toda a carga no assassino, que recebeu no rosto, na garganta e no peito todos aqueles projéteis mortais! Chumbo e pólvora, à pequena distância, estraçalharam a cabeça de John Austin que deixou escapar a faca e abateu-se no meio do sangue, carne e ossos que haviam voado para todos os lados!

Ao mesmo tempo vozes e exclamações de surpresa e horror chegavam até eles, da frente da casa. O juiz, Cyril Plunkett, Edward Hopkins e Jane surgiram atônitos e ainda sem compreender direito o que havia acontecido.

EPÍLOGO

Os detalhes, somente chegaram ao conhecimento de Dick Carter nos dias que se seguiram na semana entrante.

Conversando com vizinhos do comerciante da Misión Street, com pessoas que haviam convivido com ele, com um médico que o tratava, com algumas garotas de saloons e dancings de Barbary Coast, o xerife pôde completar o quadro do assassino.

John Austin fora casado, mas a esposa o abandonara há muito tempo fugindo com outro homem. Nunca tiveram filhos e o motivo do ato dela parecia ser único, o homem era um impotente sexual... Embora discreto, e aparentando sempre ser um sujeito de bons costumes apesar de residir na rua mais movimentada e cheia de prazeres da zona portuária de San Francisco, e parecendo ser um sujeito respeitador da lei e colaborador dela em todos os momentos, John Austin possuía arraigado dentro de si um ódio imenso contra as prostitutas em particular. As notícias publicadas pelos jornais de San Francisco sobre os crimes e o desaparecimento de Jack, o Estripador, seguramente haviam lhe inspirado os quatro crimes. Primeiro, fora Sally, depois a espanhola Rudy Valentino, por fim e numa mesma noite a chinesinha Ngo-Nuyen-Chung e a polaca Ilse Watuska. Mas o xerife e seus ajudantes, Slim e Slunt, conseguiram ficar sabendo que elas tinham sido procuradas em ocasiões alternadas por Austin, que em vão tentara satisfazer-se na cama... Dick Carter pode supor que todas elas tinham escarnecido ou de alguma maneira zombado dele nessas frustradas experiências sexuais. O pregador, que o comerciante havia acolhido em sua casa, inspirara-lhe certamente tais assassínios. Com toda probabilidade o matador de prostitutas esperava que as suspeitas recaíssem sobre o pobre doente mental, ao qual John Austin induzia para fazer-se notar nos bares e prostíbulos de Barbary Coast, inclusive incitando-o naquele quase crime no Sea Princess. Mas também o pregador havia visto Flora Martinez passeando com o filho do juiz e com sua enteada na Misión Street, e lhe revelara o fato. O assassino conhecia e muito bem a antiga moça do bairro... Com ela tivera muito tempo antes uma tentativa de sexo, fracassada como todas. E

John Austin decidira que a agora respeitável e regenerada mulher teria que ser sua quinta vítima. Por isso descobrira onde ela, seu marido e a filha deste se achavam hospedados em Nob Hill, fora até a colina e ficara espreitando a casa do juiz até certificar-se que todos tinham saído, exceto a mulher. Não teve dificuldade em surpreender o infeliz Juan, que se restabeleceu felizmente depois dos ferimentos recebidos, e entrar na cozinha.

Norton Grant e Gordon Welles tiveram que cumprimentar e elogiar publicamente o rapaz...

James Evelett Curley despediu-se dele dois dias depois. Retornaria para o leste viajando de trem e diligência, para depois embarcar de volta para a Inglaterra. Evidentemente Jack, o Estripador, não tinha vindo para os Estados Unidos..., mas prometeram, como bons amigos que se tornaram, trocar cartas e manter aquela admiração e respeito que tinham cultivado um pelo outro, pelo resto de suas vidas.

Todavia, e nos dias que se seguiram, até quinta-feira quando um desvelado marido, muito atencioso e ainda mais apaixonado, despediu-se de Dick Cárter, agradecendo-lhe efusivamente pelo que fizera e formulando-lhe uma tentadora proposta. O rapaz não havia sequer cogitado de abandonar a função de xerife de Barbary Coast e tornar-se o capataz de um grande rancho que se chamava Golden Valley Ranch, situado no aprazível vale dourado do condado de Santa Rosa no centro da Califórnia. Mas os sorrisos reiterados de Jane. a bonita filha do rancheiro, e os olhares intensos que ela lhe lançara enquanto seu pai fazia-lhe a oferta, deixaram-no muito agitado e pensativo... Dick Carter imaginava que retornar às suas origens e reentrar nas lides de cowboy, seguramente o tomariam mais feliz do que simplesmente defender a lei na Barbary Coast, em troca de um salário razoável, arriscado a levar uma bala nas costas à qualquer momento... além da inveja de Norton Grant e da antipatia gratuita de Gordon Welles.

— Dê-me um mês para decidir... — solicitara ele a Cyril Plunkett, e o agradecido proprietário havia lhe redarguido:

— Está bem, meu rapaz... Dou-lhe até mais, dois ou três meses para decidir-se. Pagar-lhe-ei de início o triplo do que ganha aqui como xerife!

— E eu, bem como minha mãe ficaríamos muito felizes se o senhor... se você... aceitar e for para o nosso rancho! — acrescentara Jane pinkett com um sorriso meigo e doce...

FIM

A seguir: HOMENS DE CORAGEM
Não perca!

MANAUS E BOA VISTA (VIA AEREA) MAIS 30% DO PREÇO DE CAPA

Caro leitor:

Você já percebeu que os livros de bolso da Editora Monterrey Ltda. possuem:

* Melhor apresentação
* Melhor acabamento
* Melhores histórias
* e os únicos com 128 páginas cheias de suspense e emoção.

Leia, compare e comprove. Escolha o melhor.

O Editor

PREÇO DESTE EXEMPLAR:

EDITORA MONTERREY